SÉRIE Espelhos

Ronald Claver

A última sessão de cinema

FTD

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

Espelhos

Quando na sessão de cinema aparece THE END, todos sabem que é o fim do filme. Acabou-se o que era doce. Acabou o sonho, a fantasia, mas a gente sabe que pode voltar a sonhar numa outra sessão.

E quando acaba o cinema? O que aconteceu ao Cine Teatro São José? Ele fechou. Não houve mais matinês. As coisas mudaram. Mudou Bolinha, Garzon, Alemão, Glorinha, Rutinha, Godô e toda a turma. Só ficou a lembrança, a memória... e a memória é um poço escuro e sem fundo. "A memória não tem lanterna. A luz está na memória."

Contra isso só resta resistir. Contar é resistir, assim como recordar é viver. Ronald Claver com *A última sessão de cinema* enriquece a literatura juvenil, dando um passo firme rumo ao amadurecimento desse gênero literário.

ISBN 85-322-4835-7

9 788532 248350

13307135

FTD

Ronald Claver

A ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA

SÉRIE Espelhos

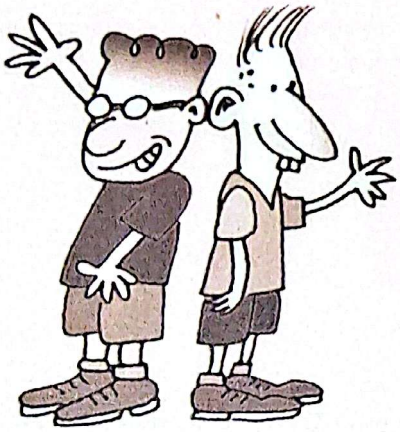
Ronald Claver

A última sessão de cinema

FTD

Digitalizado com CamScanner

RONALD CLAVER



A última sessão de cinema

ou

As desventuras de minha adorável turma

Ilustrações
Faifi

Prêmio Bienal Nestlé
de Literatura Brasileira
1986

FTD
São Paulo – 2002

Digitalizado com CamScanner

Copyright © Ronald Claver, 2002
Todos os direitos de edição reservados à
EDITORA FTD S.A.
Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 (Bela Vista) São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. (0xx11) 3253-5011 – Fax (0xx11) 3284-8500 r. 282
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: http://www.ftd.com.br
E-mail: projetos@ftd.com.br

Editora	Ceciliany Alves
Editora assistente	Miriam Chinali
Coordenadora de revisão	Rosa Maria Mangueira
Preparadoras e revisoras de texto	Jane dos Santos Coelho Taniguchi Maria Clara Barcellos Fontanella
Editora de arte	Glair Alonso Arruda
Projeto gráfico	Fabiano dos Santos Mariano
Fotos de capa	PhotoDisc
Ilustrador	Faifi
Diagramadores	Fabiano dos Santos Mariano Sheila Moraes Oséias Dias Sanches
Assistente de produção	Vânia Aparecida dos Santos
Digitadora	Maria Lamano
Editoração eletrônica	
Finalização:	Isabel Cristina Corandin Marques
Coordenação:	Carlos Rizzi Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

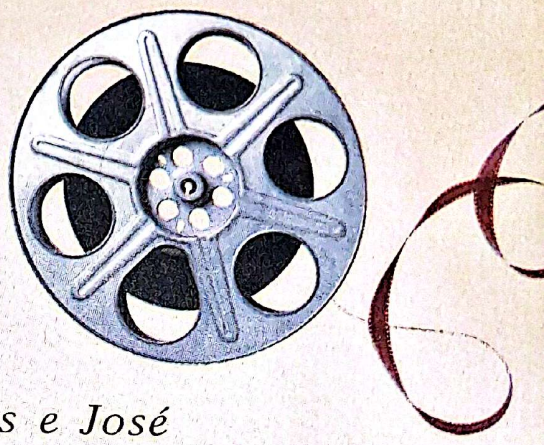
Claver, Ronald, 1946-
A última sessão de cinema / Ronald Claver ; Ilustrações Faifi . – São Paulo: FTD, 2002. – (Série espelhos)

1. Literatura infanto-juvenil I. Faifi. II. Título. III. Série.

01-6270 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Digitalizado com CamScanner



Para

– *Décimo Lúcio de Lucas e José Silvério Dias – amigos e agora personagens: Magrelo e Alemão.*
– *Orlando Bianchini – que primeiro assistiu a uma dessas desventuras.*
– *Pablo, Mariana e Thiago – que, certamente, farão da vida um brinquedo mágico.*

Os fatos e as personagens são
e não são fictícios.

Digitalizado com CamScanner

Sumário

0 – Esperando Godofredo 6

1 – A professora 10

2 – Um caso de amor 18

3 – Bigode de arame 24

4 – Terror 28

5 – A pelada 34

6 – A namorada 44

7 – A manivela 50

8 – Desfolhando a margarida 56

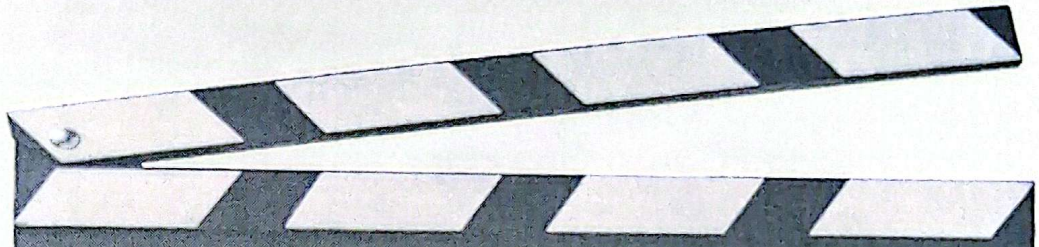
9 – Lothar 64

10 – Aprendizagem 68

11 – A última sessão de cinema 74

12 – Pequena viagem à procura dos personagens e do autor 84

Digitalizado com CamScanner



Apresentação

Quando menino, não sabia das armadilhas e encruzilhadas. O sol era claro e a lua redonda. A rua era o palco, o picadeiro. Havia quintais, galinhas, jardins. E na esquina da vida morava o cinema e a sua máquina de fabricar sonhos, êxtases e balas mastigadas e perdidas.

Um dia o cinema fechou as portas e disse adeus. A lua clara foi pisoteada e São Jorge também disse adeus. As casas se ergueram em direção aos céus. O sol claro se inundou de noite e as calças curtas do menino cresceram.

Ficou a ausência. Ficaram os pecados e a incerteza de tudo e nos olhos a memória de tudo. A pena no papel foi rabiscando as histórias e as histórias registrando os encantos e os pecados.

E palavra virou frase, frase virou rio, virou mar. E o livro surgiu. Ganhou o prêmio Nestlé e o selo da Melhoramentos. Agora ganha uma nova cara, um novo selo. E quer continuar a viagem tendo a FTD como companheira.

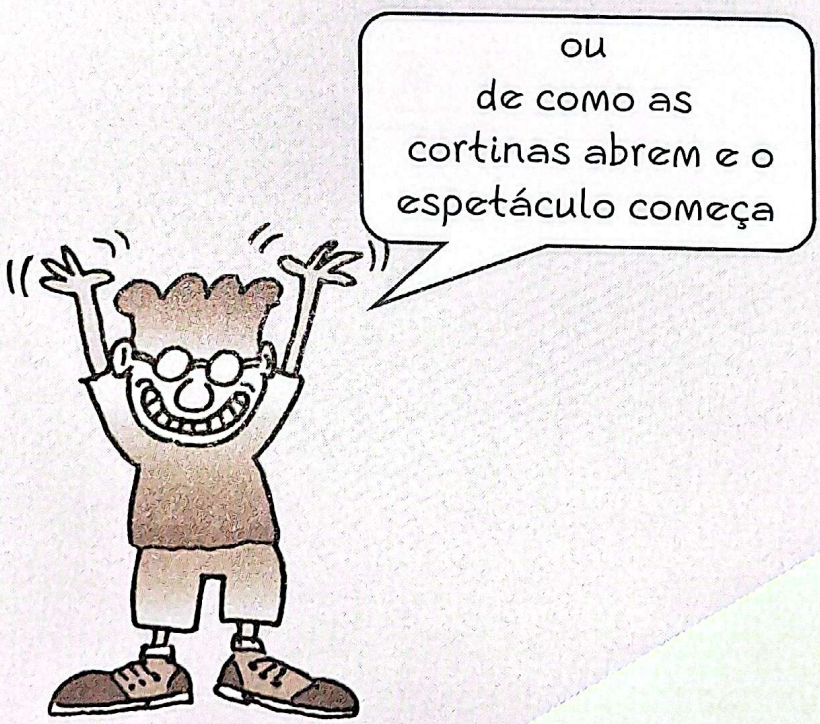
Que os novos meninos se encantem, que os velhos meninos se encontrem.

Ronald Claver

Digitalizado com CamScanner

0

Esperando Godofredo



Digitalizado com CamScanner

Prólogo
ou
Esperando Godofredo

NAQUELA tarde todos esperavam. Aliás, sempre esperávamos alguma coisa. Aguardávamos, ansiosos, o fim da tarde. O mistério continuava. E meu primo se fechava em copas. Ninguém imaginou, certeza quase tenho, ninguém viu, certeza também. Papagaio de lanterna era uma luz. Uma luzinha acesa no céu. Misturada a outras e outras. Nenhuma estrelinha brilharia tão miúda. Mesmo assim, esperávamos a tarde. Esperávamos a revelação. Mas a tarde teimava em ficar no relógio, parada.

FAZIA tempo que não via Glorinha. Na verdade, evitava Glorinha. Não queria vê-la. Depois de sua resposta, eu era carta fora de seu baralho, marcada. Glorinha, entretanto, continuava em meus olhos e isto bastava.

DE amor não sei. Ninguém sabe. Glorinha é amor que fica no corpo, coçando. Há outros amores, diferentes, que pegam a gente no descuido. Depois, só muito depois, que se percebem as unhas.

GODÔ continua à espera. Rutinha também espera uma oportunidade de pegar o Godofredo. Mas Godô gosta de ambientes malcheirosos e escuros.

BRIGITTE é um sonho. Ela virá qualquer noite dessas. Em *soirée*. O Manqüeba já conversou com o porteiro. Desta vez teremos a Brigitte inteira. Nuinha. Revirando os pecados lá dentro.

Digitalizado com CamScanner

Godô aparenta asco. É repugnante. Repugnante? Todos temem o Godô. As mulheres, principalmente, as meninas e as mulheres.

As aulas vão recomeçar. Bolinha ensaia o Passo Cantinflas, isto é, tombo de mentira e bunda de fora. Espera. Esperamos.

Minha mãe ameaça-me com aula particular. Dona Marieta é o nome da professora. Vejamos. Não pago para ver.

Godofredo é dentuço e gosta de queijo.

Roy Rogers e Trigger na matinê. Capitão Marvel e Dr. Silvana. Os Perigos de Nioka. Flash Gordon no Planeta Mongo. Os Três Mosqueteiros. Tarzan. O Tocha Humana. O Homem Borracha. Fantasma e os Pigmeus. Mandrake e outros e outros e outros e outros magos e mágicos estão nos esperando no Cine e Teatro São José.

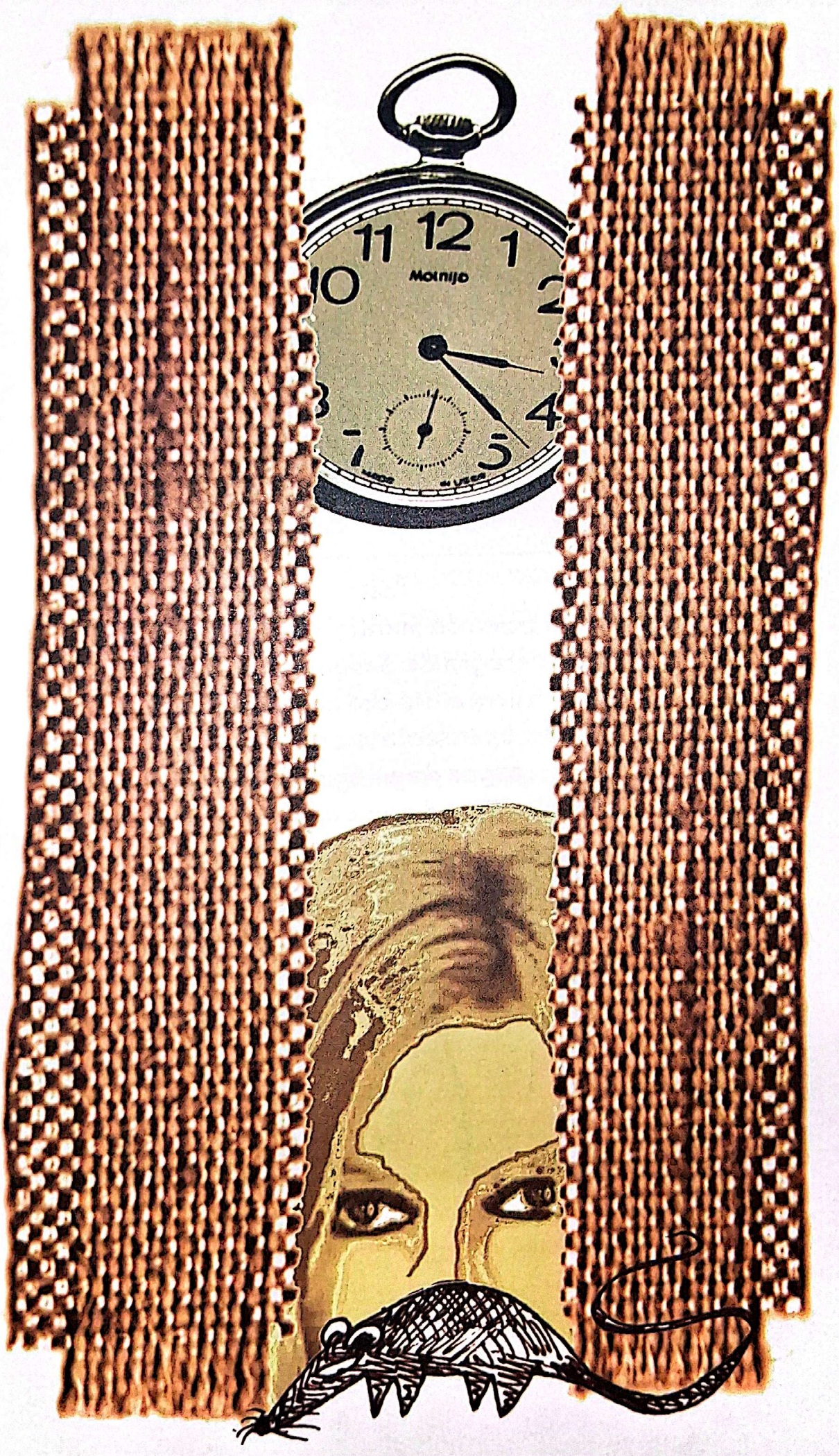
Bolinha diz que conseguiu um negócio melhor que mijo de mulher velha e ovo podre: ácido sulfúrico.

Eu vi Glorinha. Glorinha viu a bola. Vimos a bola. Vi a bola e Glorinha. Foi gol, deles. Deus em sua imensidão é grande e pequeno.

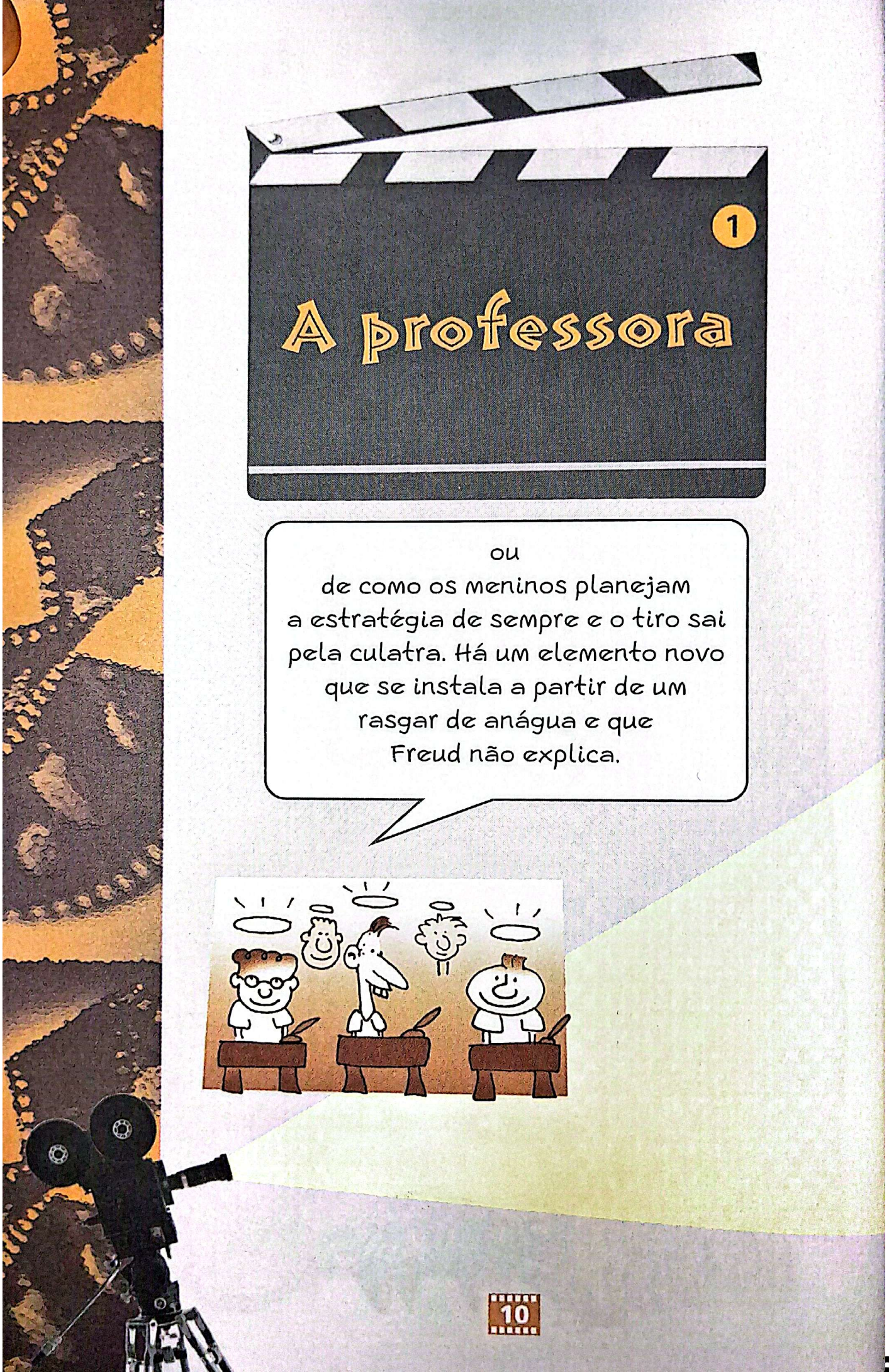
Não sei por que a gente fica querendo contar essas coisas que ficaram e ficam na retina. Que calaram e calam no dentro. E doem, doem, doem.

Embora os tijolos estejam caindo e as estruturas já abaladas, continuamos esperando que ela não venha. Há esperanças, remotas, mas há esperanças. Ela é muito atraente. Tem botões e brilha intensamente.

Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner



1 A professora

ou
de como os meninos planejam
a estratégia de sempre e o tiro sai
pela culatra. Há um elemento novo
que se instala a partir de um
rasgar de anágua e que
Freud não explica.

Digitalizado com CamScanner

Foi quando a professora entrou pela terceira vez na sala e já a bagunça estava organizada você compreende como é não é nem preciso dizer que eu era o chefe e coisa mais tudo estava planejado conforme os planos do recreio ela sempre nos deu bom-dia e nós em coro responderíamos bom-diaaa depois um menino ia lá na frente o Bolinha você conhece ele iria simular que estava doente e ia fazer aquele dramalhão tipo cinema mexicano ia caminhando e de repente pum, caía no chão e a turma toda ia correr pra cima dele nessas alturas a professora ia ficar sem saber onde pôr a mão e ia gritar, chamar a diretora e coisa mais depois era o rato que o Alemão trouxe íamos esperar passar um bom tempo e depois soltar ele entre as carteiras e tinha lá umas meninas fresquinhas cheias de nove-horas aquelas que sentam na frente e usam marias-chiquinhas e que são as sabichonas iriam gritar primeiro e a professora toda nova saída dos bancos da faculdade iria gritar também porque toda mulher tem medo de rato e ia ser aquele negócio o galho seria sempre o mesmo iríamos ser suspensos aquela coisa de carteira assinada pelos pais mas era a gente mesmo que assinava e depois as lições na mesa da diretora formada em psicologia que ia dizer que Freud explica tudo isto e ia contar pra gente uma porção de histórias bobas pra gente ficar sério mas qual nada depois a gente continuava inventando as coisas e pondo professora pra rua e tudo preparado quando o Bolinha tropeçou e caiu antes do

Digitalizado com CamScanner

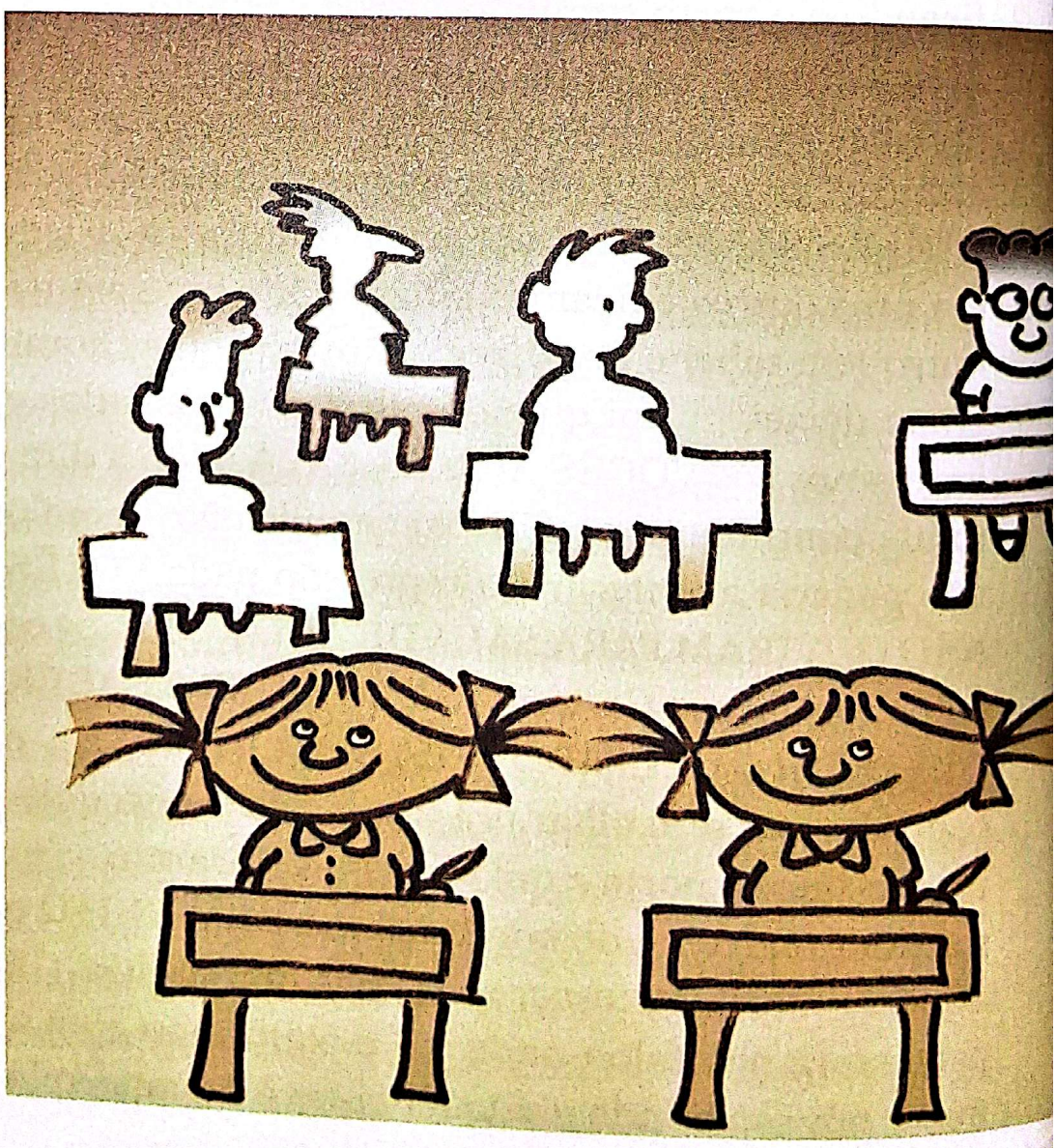
combinado e quebrando a cabeça sem ninguém saber a professora apavorando a gente rindo as marias-chiquinhas dando seus gritinhos frenéticos e Bolinha ficando cada vez mais vermelho de sangue e branco o Zé Rutinha desconfiou que o negócio estava sério e falou pra gente e a professora apavorada e a gente se apavorando e a diretora sendo chamada e não vindo porque sabia que se tratava de um outro caso ou um caso a mais e já esperando que a professora pedisse demissão pois sempre foi assim toda professora não passava do terceiro dia e Bolinha inchando deitado tentando dizer alguma coisa e não conseguindo e a gente compreendendo que algo de grave tinha acontecido foi quando a professora rasgou um pedaço de anágua e limpou o sangue do Bolinha e foi aí que eu fiquei ou fui ficando vidrado nela e não entendendo aquele gesto e ela que sabia que a gente tava bagunçando o seu coreto e então todo o mundo parou de olhar o Bolinha e começou a olhar pra professora e ela foi logo dizendo SEUS MOLENGAS AJUDEM O BOLINHA e a gente foi ajudando sem responder à professora porque se fosse outra ocasião que ela dissesse aquilo nós íamos reagir porque nós tínhamos fama de desordeiros e foi com muito custo que conseguimos o título e o difícil era manter o título e nós estávamos conseguindo até aquela data e ela dizendo SEUS MOLENGAS e a gente ajudando foi quando carregamos o Bolinha igualzinho aqueles artistas que morrem nos filmes todo o mundo com cara de enterro e as marias-chiquinhas não

Digitalizado com CamScanner

dizendo mas eu sentindo que elas falavam bem-feito e vendo os punhos batendo nas palmas da mão e eu já doido pra dar nelas uma porrada e só não dava porque o Bolinha tava naquele estado e tem hora que a gente tem de respeitar e meu pai vivia falando pra mim quando minha irmã me enchia o saco que em mulher não se bate e o Bolinha sendo levado e todo o colégio olhando pra gente a diretora passando um rabo de olho e o Bolinha sendo levado pro hospital já branco e a gente carregando o Bolinha sumindo dentro dum carro branco que gritava pela rua e a gente ficando e o carro sumindo todo colégio em comentários e a gente no meio calado sem saber o que esperar a vontade era correr correr e se esquecer por aí o tiro saiu pela culatra TODOS PARA AS SALAS e nós ficamos parados a ordem era pros outros e ficamos olhando um pra cara do outro sem saber o que dizer Rutinha quis chorar e não deixei foi quando olhamos pros lados e estávamos sós VOCÊS AÍ PARA SALA falou a diretora continuamos estáticos aquilo não aquilo não poderia acontecer e a repressão nada VOCÊS NÃO OUVIRAM PARA SALA DE AULA fomos os culpados disse o Garzon NÃO QUERO SABER QUEM FOI O CULPADO PARA SALA DE AULA e caminhamos sem olhar pra trás a sala estava quieta e abrimos a porta e mil olhos nos fincaram as meninas da frente diziam baixinho BEM-FEITO e aquela vontade de torcer as marias-chiquinhas a professora não falou nada e continuou com a aula e nós esperando qualquer coisa foi quando ela

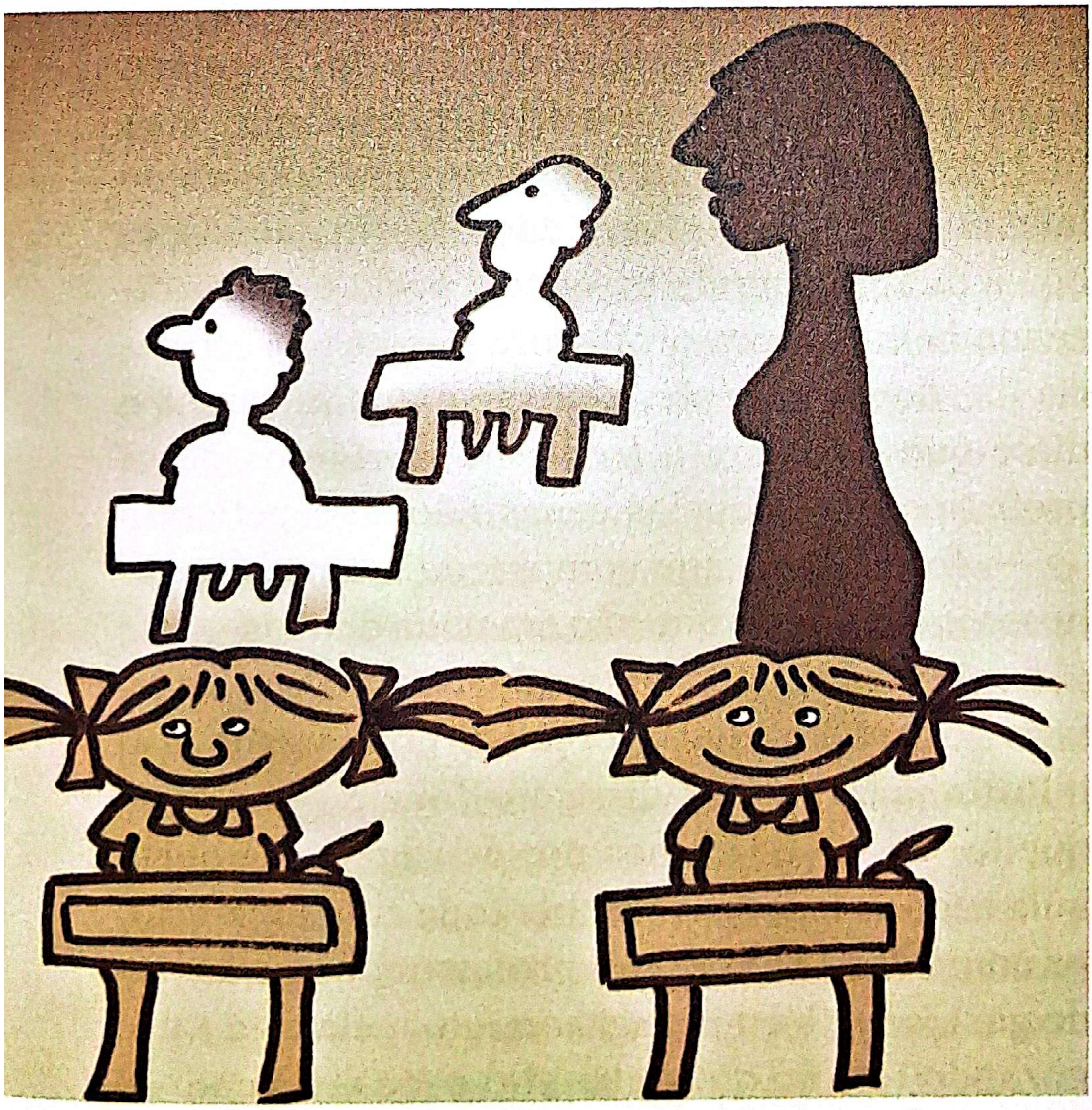
Digitalizado com CamScanner

me chamou ao quadro e eu disse pra mim É AGORA e não foi dei uma mancada daquelas não soube dividir o período e pensei de novo AGORA ELA FERRA qual nada com toda paciência ela disse que aquilo era difícil e com o tempo a gente aprendia e olhei pras meninas que já estavam cantando vitória mas a professora não deixou nenhum riso e a aula continuou naquele ambiente de generosidade todo o mundo falando baixinho respondendo as perguntas fazendo os exercícios sem queixar sem reclamar na santa paz do Senhor a aula acabou e todos saíram falei pra mim AGORA ELA



Digitalizado com CamScanner

VAI ME DIZER QUALQUER COISA nada o silêncio novamente e aquilo me doeu pela primeira vez o silêncio me doía e como doía e os dias foram passando e o silêncio me doendo as marias-chiquinhas cada vez mais fresquinhas e a professora ensinando e eu não aprendendo ela falava e eu só via ela falando ela escrevia no quadro e só via ela escrevendo e os dias passando notícias boas do Bolinha de vez em quando a professora falava que a diretoria iria aumentar o colégio as salas iriam ser aumentadas porque daquele jeito não era possível e coisas mais não me interessava



Digitalizado com CamScanner

nada daquilo apenas a professora me interessava misto de arrependimento me assaltava e não sabia o que estava acontecendo os meninos já não tramavam comigo quando o Rutinha cansado daquela rotina sem graça soltou o Godô foi um pandemônio a professora coitada trepou na carteira e as meninas com seus gritinhos de chamar a diretora e até alguns marmanjos gritaram a diretora chegou e foi me chamando pra conversar com ela olhei pro Rutinha e ele ficou calado e fui saindo de cabeça baixa tal Tiradentes e a professora de repente pediu-me que parasse e disse que iria resolver aquilo ali a diretora disse não ela disse que sim que a classe era dela e era a única responsável e eu fui ficando no meio das duas sem saber pra que lado ia uma me puxava daqui outra dali e acabou a diretora saindo batendo a porta e os pés dizendo bem alto pra professora passar na secretaria depois a professora me mandou sentar e disse que dali para a frente nós teríamos outra professora que aquelas cenas não se repetissem e foi dizendo que compreendia aquele gesto nosso e ela falou que não era nada demais que são necessidades de todo adolescente que sente falta de carinho e uma porção de coisas mais aí o Rutinha levantou e disse que foi ele eu disse que fui eu e ficamos nos acusando até que a aula acabou e eu quis receber toda culpa mea-culpa como diz o padre e a professora ficou sorrindo gostoso e eu pensei comigo ela está é nos gozando e eu quis falar alto e me arrependi de

Digitalizado com CamScanner

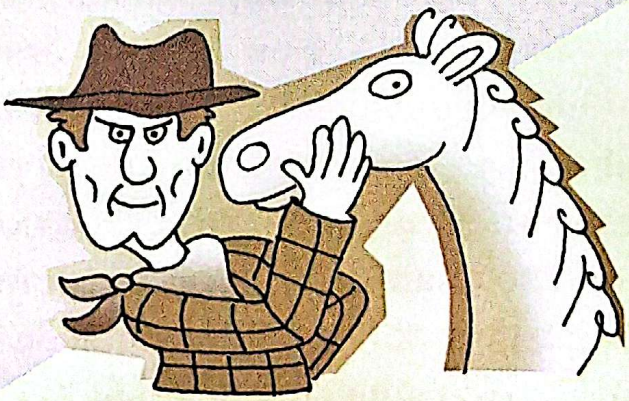
repente de repente fui sentindo a sua saída e quis correr pra falar com a diretora que fui o culpado de tudo o que tinha acontecido você compreende eu quis me colocar à frente me responsabilizar de tudo é aquele negócio de Tiradentes dos nossos heróis da infância do filho pródigo do padre você sabe naquela idade a gente pensa em tudo mas tudo ficou na cabeça e na mente escondido e sem coragem pra correr pra falar e fiquei só olhando pra professora com cara de partida era como o cais de minha terra e eu pensei no cais nos marinheiros nos navios e só agora compreendia o cais só agora vivia realmente à beira de um rio e de suas águas barrentas batendo em meus pés e eu olhando aqueles navios indo embora indo embora indo embora e eu ficando parado com as águas nos pés esquecido do mundo que existia um mundo e a professora foi saindo como um navio e eu fui ficando em meu cais de partidas renovadas sem coragem de olhar o relógio da matriz e uma nova professora apareceu falou explicou e eu pensava era na professora em meus navios na água barrenta em seus olhos e só agora sentia que a professora tinha olhos e um nome e qual seria o nome dela poderia tanto se chamar Ariadne nome difícil mas que eu gostava porque era o nome de meu navio preferido ela tinha de se chamar Ariadne e de novo a impotência de perguntar pras meninas da frente o seu nome e elas me dizerem que a professora se chamava Marta, Lúcia e Ângela.

Digitalizado com CamScanner

2

Um caso de amor

ou
de como a turma se integra,
de maneira harmoniosa e cortês,
com as coisas que se passam
num telão branco. A ação se
desenvolve em dois planos:
lá na tela e cá na platéia.



Digitalizado com CamScanner

A fila do São José era a de sempre e o sol também. Ali mesmo a gente escolhia a vítima. Geralmente uma velha, dessas acompanhantes que vão com a filhinha e o namoradinho da filhinha.

Sentávamos ao lado da vítima como bons meninos: fresquinhos, arrumadinhos, comportadinhos e escovadinhos. Atrás da velha, sentava o Rutinha com a chave de fenda em punho. O Alemão chegava depois, porque sempre reservávamos uma cadeira ao longo da fila. E quando ele chegava, incomodava todo mundo. O namoradinho e a namoradinha e a mãe da namoradinha tornam-se educados e encolhem a perna. Mas antes que o namoradinho e a namoradinha e a mamãe da namoradinha encolham a perna, o Alemão tropeça de propósito em alguém e vai cair justamente em cima da namoradinha. Neste momento, o Alemão já está de posse do pó-de-mico e o deposita no colo, no seio, no pescoço, nos braços, nos ombros da namoradinha.

A namoradinha fica embaraçada com aquele menino sentado no seu colo e não percebe. O Alemão pede desculpas, e vai se sentar na cadeira já reservada ao longo da fila. Quando a namoradinha se ajeita de novo na cadeira e procura despistadamente a mão do namoradinho, ela sente uma coceira. Em vez de procurar a mão do namoradinho, a mão vai primeiro no pescoço. Há provavelmente uma pulga.

A pulga é veloz e corre para os braços, pescoço, ombros – e a namoradinha não pára. O namoradinho fica indeciso, inquieto. A namoradinha cochicha com a mãe e levanta. Vão ao banheiro. É o

Digitalizado com CamScanner

momento do Garzon puxar conversa com o namoradinho que está nervoso. Bolinha pisca o olho e o Rutinha entra em ação. Ele é rápido, decidido, experiente, em um minuto e 47 segundos desparafusa a cadeira da velha. As luzes se apagam e Roy Rogers aparece inteiro na tela e a gente aplaude e ele diz camonibói.

A quadrilha de mascarados ataca a diligência. E Roy Rogers, com a camisa de Roy Rogers, com o sorriso de Roy Rogers, puxa o revólver e gira o dedo. E o revólver dá 50 voltas e volta à sua mão e é colocado de novo no coldre. A música se aligeira. Os bandidos se escondem atrás das pedras de sempre e conseguem enganar o Roy. Mas isto é um despiste porque, se Roy Rogers descobre os bandidos logo de cara, o filme acaba. Então Roy Rogers faz de conta que se enganou. Passa pelas pedras e volta. O cenário é sempre o mesmo. Roy Rogers sabe e nós também.

Ele quer é pegar os bandidos numa boa, distribuindo a mixaria do roubo da diligência e descobrir o chefe da quadrilha, que é sempre o dono do *saloon*.

E lá vai Roy Rogers, com a camisa de Roy Rogers, com a cara de Roy Rogers, pegar o bando. E quando o branco cavalo branco de Roy Rogers, que é o Trigger, relincha e levanta as patas dianteiras, a gente sabe que os bandidos estão no papo.

Os bandidos estão agora reunidos, distribuindo a mixaria. E Roy Rogers, que tudo vê e sabe, desce do cavalo e vai pé ante pé, prendendo a respiração, e de repente tira o revólver do coldre e diz: "Mãos ao alto".

O cinema é sacudido por um barulhão. Os olhos

Digitalizado com CamScanner

se voltam para a tela, mas os revólveres estão calados. Não há fumaça, nem cheiro de pólvora: foi a velha que caiu e gritou "ai".

Nós havíamos esquecido a velha e ficamos putos, porque Roy Rogers está sozinho e pode acabar nas mãos dos bandidos. Mas a gente tem um trunfo que os bandidos não têm: a munição deles sempre acaba na hora H. E o revólver do Roy é mágico e dura enquanto durar o filme. A velha geme e o Rutinha grita: "Cala a boca".

O momento é de suspense. Os bandidos são muitos e Roy Rogers pouco. E se tiver um bandido inteligente? Desses que dão volta por trás e pega o artista desprevenido? Estaremos fritos. Mas bandido é bandido. E os da matinê são burros.

Mas neste domingo, por azar nosso e do Roy Rogers, o bandido não é tão bandido e já está dando a volta. O que será que deu neles?

E a velha volta a resmungar. O namoradinho e a namoradinha estão confusos. Não sabem o que fazer. Estão num dilema terrível: salvar a velha *versus* socorrer o Roy Rogers. E Roy Rogers não pode morrer, porque se ele morre a gente morre também. E a velha vai pagar por isso.

E o bandido está chegando perto do Roy Rogers. E o namoradinho e a namoradinha resolvem se levantar, para ajudar a velha que caiu de bunda e tudo no chão. Mas alguém grita: "Abaixa que paguei". Ficam indecisos e mais ainda quando se ouve: "Cuidado, Roy Rogers". A aflição é geral.

Se Roy Rogers olhasse para trás, o bandido estaria perdido. Mas Roy Rogers não olha, alguém

Digitalizado com CamScanner

pergunta: "O que deu no Roy Rogers, que não olha pra trás?". Não sei, não sabemos, e Roy Rogers continua atirando para frente, sem olhar para trás e seu revólver não pára. E o bandido caminha feito bandido, sem fazer barulho, na surdina. E ele, para infelicidade nossa, coloca o dedo no gatilho e ameaça atirar. O namoradinho torce nervoso as mãos. A namoradinha fecha os olhos. E a velha resmunga.

Quem tem bala, não chupa, morde. A tensão é enorme. E Trigger não relincha. E o cano do revólver é colocado nas costas de nosso herói, que está suando frio. O bandido toma o revólver de Roy Rogers e o seu chapéu cai. Os outros bandidos saem do esconderijo. Roy Rogers vai ser executado. O chefe da quadrilha aparece detrás de uma das árvores. É o dono do *saloon* e tem uma mulher loura que o trai com o dono do hotel. Ele está sempre vestido de preto. Toma uísque. Tem voz grossa e ajuda o pastor.

E a hora é chegada. E isto é terrível. Estamos presos e imersos na fantasia. Sem arredar os olhos da tela. Sofrendo e até sentindo a respiração difícil do seu, do meu, do nosso Roy Rogers. Porque o Roy Rogers que usa camisa de Roy Rogers e tem a boca de Roy Rogers sou eu. É o Rutinha, o Bolinha, o Garzon, o Alemão, o namoradinho, a namoradinha. Roy Rogers somos nós.

E para complicar mais a nossa situação, o namoradinho estende a mão para a velha e vai puxá-la, mas o Garzon, sempre o Garzon, cutuca e diz "que não é hora pra fazer aquilo porque o nosso Roy Rogers está precisando de nós". E está mesmo,

Digitalizado com CamScanner

porque o bandidão, que tem a loura que o trai com o dono do hotel, chega perto do nosso herói e fala: "Deixem comigo que eu acabo com ele". É o fim.

Mas o bandidão quer fazer a gente sofrer. Vai demorar. E a gente sabe que vai demorar, porque o bandidão ainda não franziu a testa. Mas Deus é grande e às vezes poderoso, protetor dos pobres, dos ricos, dos oprimidos, opressores e o diabo. Neste momento nos enviou o xerife, aleluia. Mas o xerife ainda está perto das árvores e das pedras. É preciso que ele corra. E o cavalo dele não é bom, não corre. E o bandidão começa a franzir a testa e olhar para o céu. "Vai ser agora", nós pensamos. Nossos corações sobem até a garganta e a goela seca.

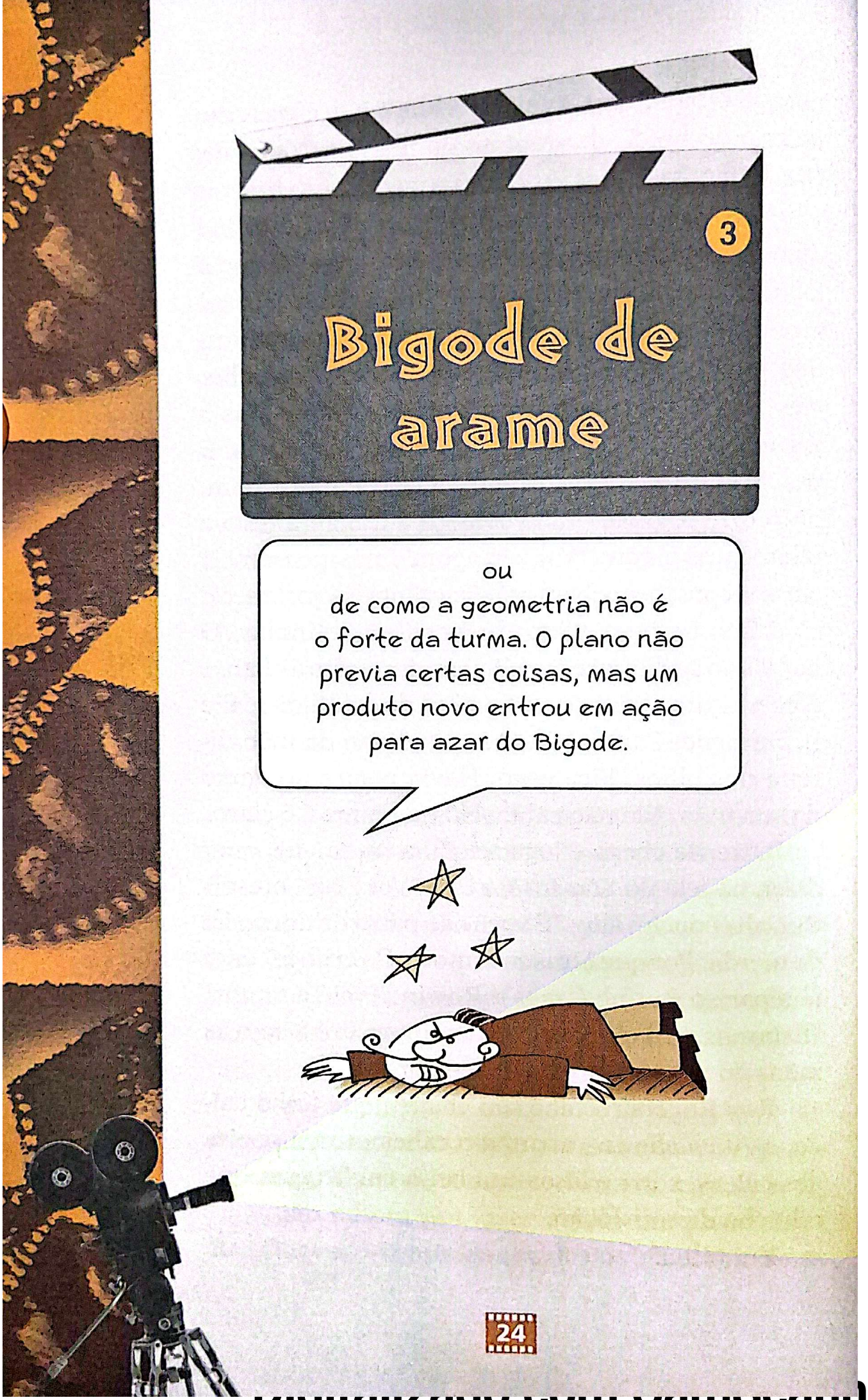
Mas Trigger, todo de branco, relincha. O bandidão se distrai e Roy Rogers aproveita a chance e acerta um cruzado no queixo do bandidão. Ele fica grogue. Cambaleia. Passa o dorso da mão direita nos olhos. Fica cego. Havia poeira no dorso da sua mão. Ele não sabia. Nós sabíamos, é claro.

O xerife chega e joga a toalha no ringue, quer dizer, na tela do São José, e diz: "Você está preso". Rutinha conclui alto: "E você não passa de um xerife de merda. Por que atrasou tanto?". O xerife fez cara feia para o Rutinha, mas o Roy interveio a tempo. "Estamos salvos", suspirou a namoradinha com as mãos do namoradinho em seu coração.

Roy Rogers recolhe seu chapéu que tinha caído, ajeita a camisa, arruma o cabelo, tira a poeira das calças, sorri e lasca um beijo em Trigger, que relincha de satisfação.

E a velha?

Digitalizado com CamScanner



3

Bigode de arame

ou
de como a geometria não é o forte da turma. O plano não previa certas coisas, mas um produto novo entrou em ação para azar do Bigode.

Digitalizado com CamScanner

Nada daquilo aconteceria se o Rutinha não tivesse chamado o homem de bigode de arame.

foi o cara abrir o paletó e mostrar o seu 38 cabo niquelado pra gente correr feito doido.

o bigode de arame não precisava daquele bigodão todo.

mas o bigode dele estava na cara.

se o Garzon não tivesse quebrado a lâmpada do poste da esquina a gente ia saber quem vinha.

eu sei que a gente não precisava levantar a linha para a primeira pessoa que passasse.

só que aí tem um detalhe: a gente estava ali já fazia uma hora e não dava para esperar mais.

e a linha não precisava estar esticada se estivesse bamba o resultado seria outro.

agora o cabo do revólver do bigode de arame não precisava ser niquelado se fosse marrom ninguém o veria e aí a gente encarava o cara.

mas pensando bem se o cara não tivesse um revólver de cabo niquelado e se puxasse o revólver de cabo marrom a gente não ia acreditar.

Digitalizado com CamScanner

porque se o cara puxasse o revólver de cabo marrom só pra amedrontar o Bolinha ia puxar seu canivete.

e o canivete do Bolinha tem um botão que apertado faz cleque e a lâmina brilha.

e a única coisa que o Bolinha faz é lustrar a lâmina de seu canivete que faz cleque.

agora se o cara soubesse que o canivete do Bolinha só tem brilho ele puxaria o revólver mesmo de cabo marrom.

porque o canivete do Bolinha que faz cleque brilha mas não tem ponta nem afiado é.

suponhamos que o bigode de arame tivesse tropeçado antes da linha o resultado seria outro.

ou o mesmo se no momento em que passou passasse um automóvel com farol alto ele certamente veria a linha.

agora se o cara não andasse tão depressa possivelmente não seria o premiado.

porque quando ele apontou na esquina havia uma dona que tinha apontado antes.

e se o bigode de arame fosse um cara paquerador?

ele viria cantando a dona e a dona passaria primeiro na linha.

Digitalizado com CamScanner

a dona podia perfeitamente aceitar a cantada do bigode de arame e ficar por ali mesmo

e ali era um lugar ideal porque o Garzon tinha quebrado a lâmpada

mas o bigode de arame além de não cantar a dona passou pela linha como se fosse um soldado

estufou o peito levantou o queixo e segundo o Garzon até marchou.

parece que o Rutinha calculou tudo: a altura do bigode de arame a largura de seu peito a cadência de seus passos e a posição exata da linha.

imagine se o bigode de arame fosse menor um palmo ou se fosse manco?

e aconteceu porque o cara não quis cantar a dona e não era manco.

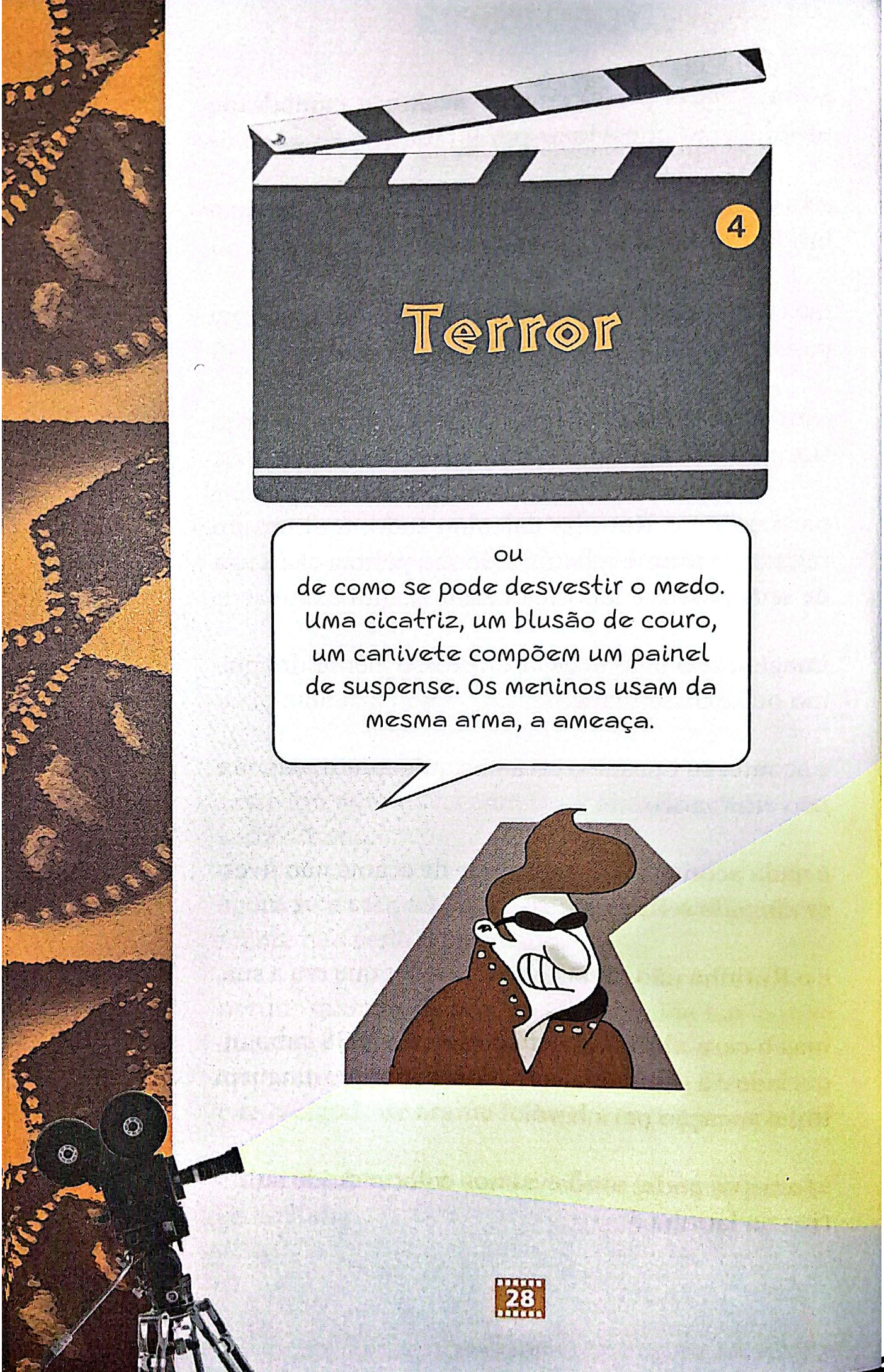
e nada aconteceria se o bigode de arame não tivesse xingado o Rutinha.

e o Rutinha não precisava responder que era a sua.

mas o cara abriu o paletó e mostrou o 38 cabo niquelado e a gente riu depois correu porque ninguém tinha vocação para herói.

agora ovo podre ainda vai nos colocar ácido sulfúrico na latinha é

Digitalizado com CamScanner



4

Terror

ou
de como se pode desvestir o medo.
Uma cicatriz, um blusão de couro,
um canivete compõem um painel
de suspense. Os meninos usam da
mesma arma, a ameaça.

Digitalizado com CamScanner

cara passou por nós com a gola levantada e um topete à Elvis Presley. A gente estava jogando bolinha de gude e nem percebeu. Ele encostou no poste mais próximo e acendeu um Continental sem filtro. Colocou o cigarro entre os dedos e pigarreou. Tirou do bolso um cabo de aço e desenrolou. Passou o cigarro para o canto da boca e deixou cair o cabo de aço. Olhou para cima como se houvesse alguma coisa no céu, não havia.

Uma bola de gude, jogada com força pelo Bolinha, chegou até seus pés. Bolinha foi buscá-la. Ele pisou em cima da bola com força. Bolinha olhou para cima e ele olhou para baixo. Bolinha notou uma cicatriz do lado esquerdo de seu rosto. Bolinha ficou indeciso, sem ação. O cara, inesperadamente, levantou o pé e a bola correu. Em seguida, abaixou e pegou o cabo de aço que estava no chão. Enrolou-o com calma e o colocou no bolso. Tirou o cigarro da boca e o prendeu entre o indicador e o polegar e o jogou dentro do papão. Pigarreou, raspou a garganta e sumiu na primeira esquina à esquerda.

No outro dia, a gente estava jogando bentes-altas quando ele apareceu na esquina. Estava de blusão de couro preto, óculos escuros, o topete com excessivo gumex e um medalhão no peito.

Bolinha teve um momento de medo e, para dizer a verdade, todos nós tivemos medo. Ele veio caminhando em linha reta, lentamente, sem mudar a direção de seus passos. Calculou tudo muito bem. Pisou na primeira casinha, deixando-a em pedaços. Ele continuou sem olhar para trás. Atra-

Digitalizado com CamScanner

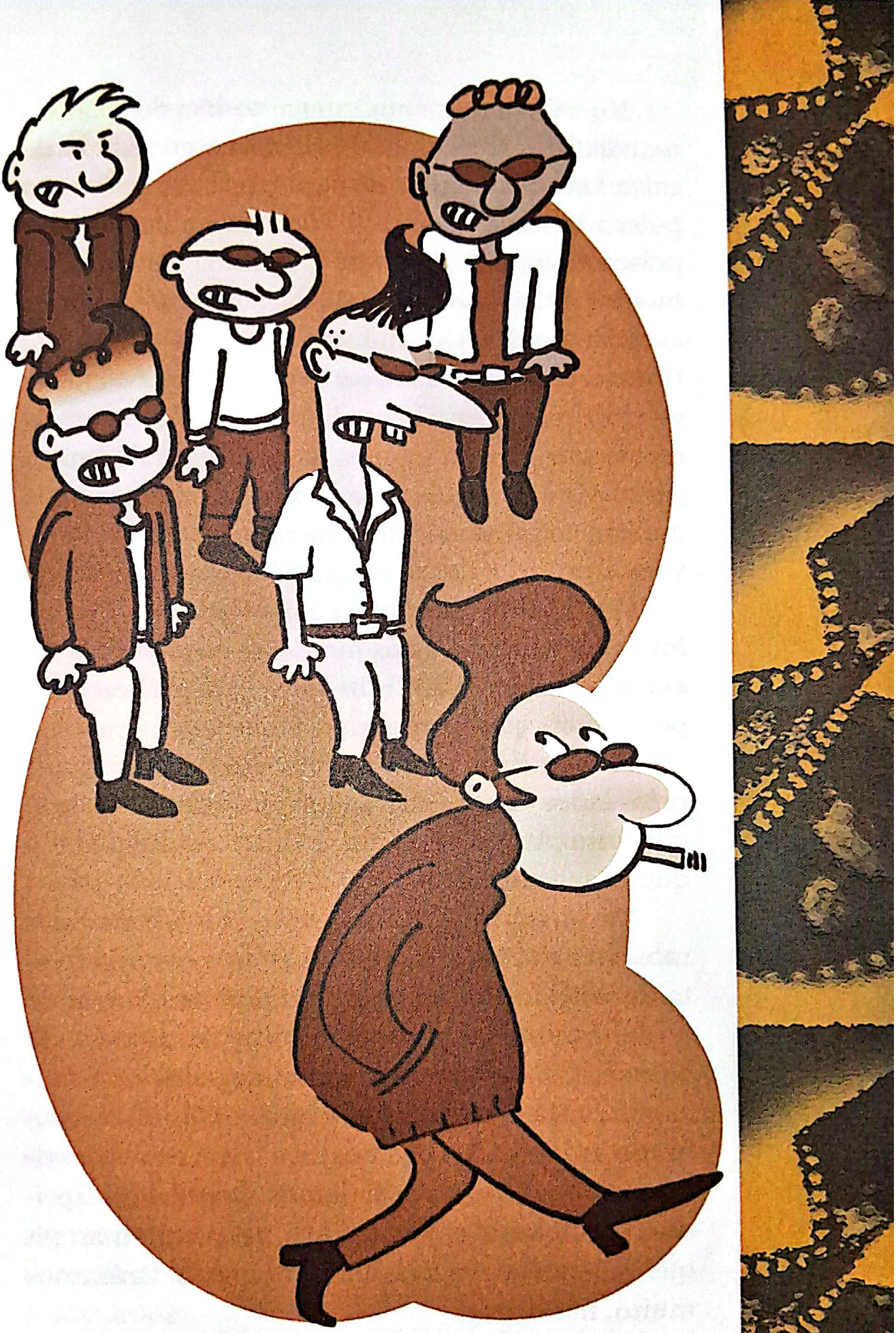
vessou toda a quadra e pisou na outra casinha, reduzindo-a a nada. Continuou andando e virou a primeira esquina à esquerda.

No terceiro dia, a gente estava jogando bola quando de novo ele apareceu. Veio de boné e vestia uma camisa listrada. Bolinha foi o primeiro a vê-lo. Parou em pânico. Ele chegou em silêncio. Não pigarreou nem nada. Ficou observando a pelada. Nós perdemos o ritmo da partida, que, de barulhenta e animada, ficou taciturna e silenciosa. Podia-se ouvir o barulho da bola no chão. Todos nós tivemos inveja da bola – a única que não era cúmplice. A pelada continuou. Ele encostado no muro, só observando o movimento. A gente já estava cansado, mas ninguém parava. Ele ficou ali mais de uma hora e só paramos quando ele sumiu na primeira esquina à esquerda.

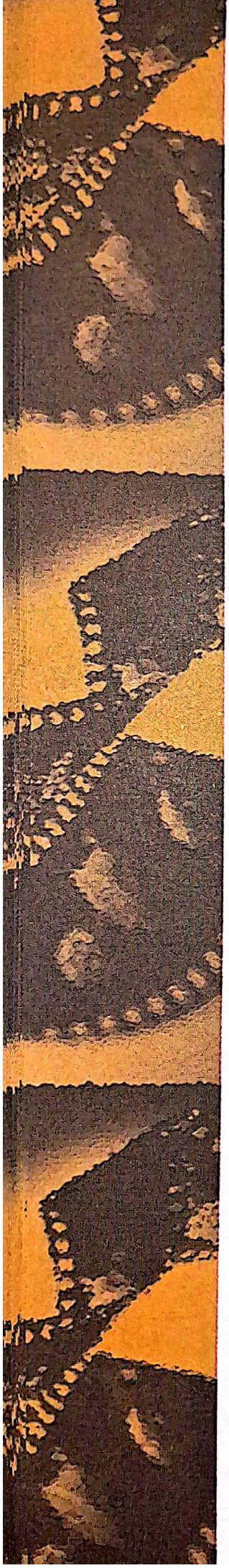
No quarto dia, a gente estava jogando finca no mesmo local e ele não apareceu. Sentimos um alívio e ao mesmo tempo uma grande decepção. Já nos tínhamos acostumado com a sua presença.

No quinto dia ele apareceu no horário habitual. Parecia distraído e desligado. Vinha palitando os dentes. Como quem não quer nada. Parecia uma pessoa vulgar e o topete estava desalinhado. Desta vez o Bolinha não teve medo. Não tivemos medo. Ele passou por nós assobiando uma canção desconhecida. A cicatriz no rosto parecia mais branda, simulou um sorriso, mas arrependeu-se. Passou rente ao Bolinha e virou a primeira esquina à direita.

Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner



No sábado, a gente estava no bar do Tião tomando Coca-Cola, quando ele apareceu. Estava de calça Lee, blusão de couro marrom, o topete uma polegada mais levantado, óculos raibam e uma pulseira no punho esquerdo. Bolinha tremeu. Trememos. Dirigiu-se ao balcão, pediu uma pinga, acendeu um Continental sem filtro, bateu com violência o copo na mesa de mármore, abriu o blusão e deixou aparecer o cabo da navalha. Olhou ferozmente um por um de nós, nos olhos, lá dentro. A gente não sabia onde colocar as mãos. Começamos a olhar para baixo, mas não conseguíamos. Estávamos presos ao cabo da navalha, madrepérola.

De repente, ele puxou a navalha. Recuamos instantaneamente e nos juntamos que nem boi no curral, acuados. Ele abriu a navalha, ajeitou o topete e começou a limpar as unhas.

No domingo, ele foi visto andando depressa lá pelos lados da Afonso Pena. Parecia fugir de alguma coisa. Atrás dele ia um homem de meia-idade que falava alto. Xingava.

Na segunda-feira, ninguém saiu à rua. Ficamos em casa. Na espreita. Olhando a rua pela fresta da janela. Ele não apareceu de manhã nem de tarde. À noite resolvemos brincar de pique e ele apareceu. Estava vestido como no sábado. A única diferença era a bota cano longo. Tínhamos quebrado as lâmpadas dos postes e a rua estava terrivelmente escura, arrependemos. Bolinha foi o primeiro a notar a presença dele. Não voltou ao pique. Não voltamos. Nesta noite choveu. Pensamos muito, nas armas.

Digitalizado com CamScanner

Resolvemos, a partir dessa noite, criar um arsenal. Já andávamos armados: cabos de aço, giletes, bodoques e canivetes. Mas mesmo assim evitávamos o cara.

A gente estava disputando uma queda de chutinho quando ele apareceu na esquina oposta. Imediatamente nos reunimos e nos preparamos para a batalha. Mostramos nossas armas. Não recuamos. Ele recuou. Combinamos estratégias. Tínhamos vencido o primeiro *round*.

Na sexta-feira fomos ao bar do Tião. Ele estava no bar, tomando uma Coca-Cola, quando aparecemos. Pediu logo uma pinga e procurou um cigarro no bolso, não tinha. Estava vestido de maneira normal, rimos. Parecia bem mais moço e a cicatriz do rosto tinha desaparecido. O Tião negou a pinga. O cara ficou nervoso.

O Bolinha foi o primeiro a se aproximar. Estava de óculos escuros, blusão de couro e uma medalha no peito. Rutinha estava de camisa listrada, aberta no peito. O Alemão com um topete à James Dean e o Garzon de óculos raibam.

Ficamos encarando o cara. Sem falar nada. Só nos olhos. Lá dentro. Igual cobra. Fizemos, em conjunto, um movimento brusco para ver a reação do cara. Ele encolheu todo no canto, tremendo. Rimos novamente, por cima, superiores.

Bolinha abriu o blusão e pegou o canivete e apertou um botão, ele fez cleque e a lâmina brilhou. Avançou com raiva em direção do cara. Avançamos.

Digitalizado com CamScanner

5

A pelada

ou
de como a bola é madrasta, infiel, malandra. O jogo é para ser jogado e a vitória é uma taça com gosto de fel.

Digitalizado com CamScanner

BOLA FOI QUICANDO PERERECANDO MINGUANDO E GOL CAÍ COM BOLA E TUDO DENTRO DA REDE QUANDO LEVANTEI A CABEÇA ENLAMEADA VISLUMBREI GLORINHA NA PLATÉIA AÍ CHOREI DE RAIVA...

O Bolinha foi falando:

– O Alemão marcou um jogo para amanhã. Vai ser no campo da Casa Paroquial, contra o time dos Coroinhas.

– Puta merda! Logo amanhã? Não dá para ser outro dia?

– Não dá. Já está tudo combinado.

– Tenho aula particular.

– O jogo de amanhã vale uma taça.

– Não posso perder a aula, não posso. Minha mãe vai ficar...

– É festival. Amanhã é dia da padroeira.

– E minha aula?

– O nosso jogo será a prova de honra.

– Prova de honra? Nunca participei de uma prova de honra.

– Já tem gente apostando no nosso time.

– Contra quem?

– Contra o time daquele rato preto – disse Bolinha, referindo-se ao padre Anselmo, vigário da Paróquia de Nossa Senhora e Almas.

(... Bolinha queria uma desforra. Padre Anselmo não o deixaria virar coroinha. "Também pudera" – argumentava o Bolinha. – "Tinha que decorar aquele latinório todo?"

Digitalizado com CamScanner

Bolinha teve uma oportunidade: numa noite, onde não faltavam as estrelas, mas faltava coroinha. Padre Anselmo pediu-lhe que o ajudasse. Era dia de Bênção do Santíssimo e o Bolinha foi. E foi vestido de vermelho, acompanhando a majestade do padre no exercício divino.

As velhas empoleiraram na primeira fila. Padre Anselmo ajoelhou. Bolinha também ajoelhou. Fez o "pelo-sinal". Bolinha fez o "pelo-sinal". O padre virou de costas para o público, digo, fiéis, e, num latim ininteligível, cochichava com Deus Pai (ou Deus Filho?) as coisas secretas do mundo. E o Bolinha de posse do turíbulo entrou em ação: a brasa se fez fumaça e o incenso se fez nuvem e envolveu a morada de Deus.

O altar ficou neblinoso. As velhas debruçadas nos poleiros pigarreavam, tossiam, roncavam, rosnavam.

O padre não sabia se continuava o espetáculo ou não. Continuou.

O altar era nuvem, era pó, fuligem, sombra onde se via, apenas, o desenho do pastor a latinar a palavra divina e via-se, também, o brilho do turíbulo na sua viagem de ir e vir.

Padre Anselmo levantou o Santíssimo – glória maior da Igreja de Pedro. – Glória?

Assim como a brasa calou a boca do profeta, uma brasa, apenas uma brasa, não das maiores, escapuliu do turíbulo, vindo ao encontro do nosso pastor quando erguia o ostensório, a custódia onde se ostentava a hóstia do Senhor, para gáudio das velhas que suspiravam num misto de tosse e falta de ar.

Uma brasa, apenas uma brasa alojou-se na

Digitalizado com CamScanner

manga da batina do sacerdote. As velhas baixaram a cabeça para adorar Cristo redivivo na figura do Santíssimo (será porque as pessoas abaixam a cabeça quando é para adorar alguma coisa?).

E estava todo mundo naquele cochicho com Deus, quando padre Anselmo na sua infinita e quase sabedoria sentiu cheiro de pano queimado, mas o Santíssimo estava erguido e os corações ao alto – (*sursum corda*) – e agüentou firme mais aquela empresa. Depois, logo depois, viu uma fumacinha saindo da manga de sua batina e no ar exalou um cheiro de churrasco, um bom cheiro de carne amiga, queimada. E não era o verbo que ardia. Era sua carne que se fazia cinza.

Padre Anselmo que não era mártir nem nada urrou, urrou, urrou e quase que as pilastras do templo vieram abaixo e, nesse urrar, o Santíssimo, antes tão seguro, voou de suas mãos indo parar na cabeça de uma das velhas que, por indelicadeza com o Senhor, veio a desfalecer, não morreu porque Deus não quis, porque, quando Ele quer, morre.

... ANTES NÃO TIVESSE IDO. SE SOUBESSE QUE GLORINHA ESTAVA ATRÁS DO MEU GOL GARANTO QUE AQUELA BOLA NÃO PASSAVA. EU VIRAVA BICHO, ESPOLETA, O DIABO, MAS PEGAVA AQUELA DANADA. E SE NÃO FOSSE POSSÍVEL ATÉ SHAZAM GRITAVA...

– Já chamei todo mundo e todos garantiram. Só falta você. Já falei com o Garzon, Serginho, Crente, Zé Francisco, Rutinha. Até o Xucrutes vai. Manqüeba vai de massagista. Se você não for, é sacanagem.

Digitalizado com CamScanner

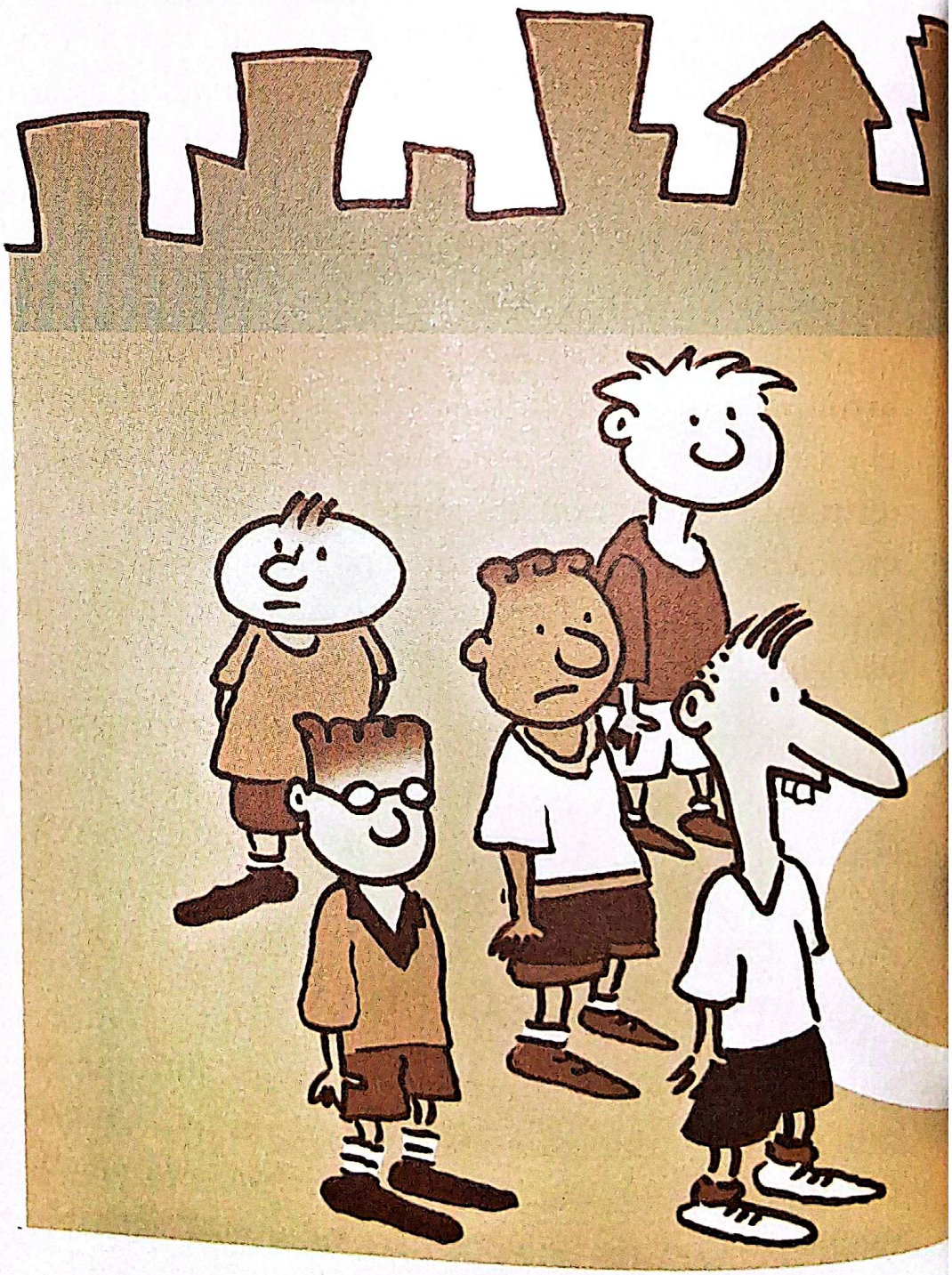
– Não tenho escolha, mato a aula.

– O campo está todo enfeitado. Bandeirolas, bandeiras, bambus, redes nos gols, bandeirinhas de córner.

– A que horas começa?

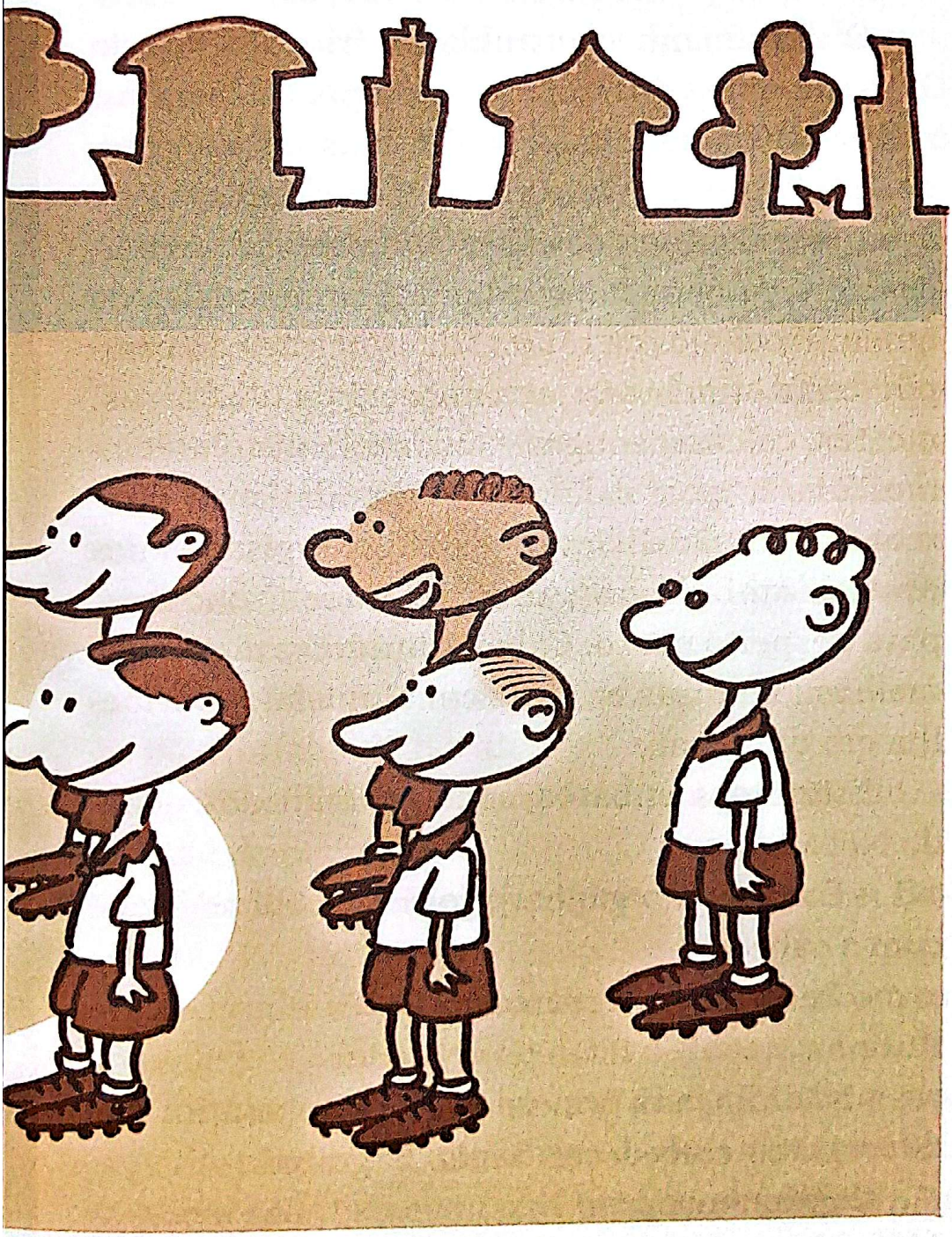
– Prova de honra sempre é o último jogo do Festival. Lá pelas três e meia.

– Estarei lá, na hora.



Digitalizado com CamScanner

... ANTES NÃO TIVESSE IDO. A AULA PARTICULAR ERA UM GOL SEM BOLA. D. MARIETA DRIBLAVA QUALQUER UM. ERA SINUOSA COMO UMA BOLA DE EFEITO. ERA ÓTIMA. ESTAVA APRENDENDO COISAS E COISAS E DESCOBRINDO COISAS E COISAS...



Digitalizado com CamScanner

– Ah, estava me esquecendo, até técnico já arrumamos.

– Já sei, o sapateiro.

– O Noca, o Noca sapateiro, e ele já comprou um engradado de guaraná.

– Até a vitória!

– Amanhã eu me vingo daquele rato preto.

O dia amanheceu nublado, frio. Do bar do Tião rumamos direto para o campo. Os meninos menores vendiam pastéis. Os mais velhos apostavam. Padre Anselmo corria de um lado para o outro acertando os detalhes. Os coroinhas remarcavam o campo. Do alto-falante uma música de igreja. Trocamos de roupa ali, na beirada do campo, cada um levou seu material: chuteiras, meiões, calções, sungas e tornozeleiras. Parecíamos uns trapos: calções e meias de cores diferentes. Eles não. Estavam enfeitados, pisando nos ovos, almofadinhas, uniformizados, bacanas, para despeito nosso. Calções brancos, meias vermelhas e camisas brancas com uma faixa vermelha em diagonal.

Estávamos embasbacados e humilhados, quando Noca falou:

– Camisa não ganha jogo. E futebol se joga é com a cabeça.

– Pensei que fosse com os pés – gracejou o Rutinha.

– Não vim para brincar. Jogador é operário. Tem de respeitar e obedecer. Senão largo tudo.

Continuou:

Digitalizado com CamScanner

– Futebol se joga é com a cabeça – olhou para todos, ninguém piou nada.

– Futebol a gente joga é com a cabeça, os pés fazem o que a cabeça manda. O que a cabeça manda, ouviu bem, Rutinha?

Rutinha assentiu com a cabeça.

– Quero meu time jogando no sentido do gol. Nada de bola para trás. Time meu joga é para frente e beque não brinca em serviço. Bola chegou, voltou. Nada de domingada na área de serviço. O centromédio deve ficar plantado, o meia-direita é que faz o vaivém. Os pontas vão jogar abertos, fazendo chuveirinho na cabeça do centroavante.

– Isto é comigo, deixa comigo! – falou Alemão orgulhoso.

– Quando estou falando, não admito interferência! – estava severo o nosso treinador.

– Futebol é uma caixinha de surpresas. São 11 contra 11 e vence sempre o melhor, e nós somos os melhores. Time que apanha em campo apanha também no vestiário.

– Que vestiário? – era o Garzon, com um sorriso no cantinho da boca.

– Não me conteste. Se não temos vestiário, a culpa é do padre.

– A culpa é daquele rato preto – confirmou Bolinha.

– O padre é autoridade e quero respeito com os mais velhos – interveio de novo o Noca.

E falou e falou e falou até que o juiz, que era o padre Anselmo, chamou os dois times e fez também seu discurso (será porque os padres não

Digitalizado com CamScanner

perdem essa mania de toda hora falar e reclamar da pobreza e da paróquia?) e o jogo começou. E começou quente, bola lá, bola cá. Na primeira oportunidade, Bolinha estranhou o ponta. Depois chutou o centroavante sem bola e cuspiu no lateral. Padre Anselmo, com o dedo em riste, ameaçou expulsá-lo:

– Na próxima eu te ponho para fora, seu moleque!

– Olha como fala, seu rato preto – resmungou Bolinha.

O padre ficou vermelho e quis dar uma porrada no Bolinha, mas lembrou-se que era padre e não deu. E a bola correndo, negaceando, escorregando, fugindo e o tempo escoando, acabando. E zero a zero foi o placar do primeiro tempo.

... NO INTERVALO NEM ME LEMBREI DE NADA. O JOGO ERA LÁ E CÁ E ESTAVA GOSTANDO. E NÃO ERA NENHUM MANDRAKE PARA ADIVINHAR AS COISAS...

O Noca reuniu o time num canto e deu umas broncas, porque técnico que não dá bronca não presta. E quando padre Anselmo apitou para começar o segundo tempo, começou a cair uma chuvinha dessas que molham devagar e encharcam a alma. Mas com chuva ou sol o placar não mudava e para nós o empate era a vitória. Time visitante ou convidado, quando empata, leva a taça. E o Bolinha jurou que ia mijar nela, em frente do padre, pra todo mundo ver. O jogo estava duro. Bolinha se multiplicava em

Digitalizado com CamScanner

campo. Mas futebol é uma caixinha de surpresas e nem sempre o melhor vence. Ou vence? O campo estava escorregadio, a bola deslizava sorrateira procurando as poças, querendo o barro. A bola já marrom desfilava entre as pernas, escamoteava das chuteiras e fugia das jogadas mais bruscas. A bola era um alvo de mil olhos. Dançava aquele balé nervoso entre sarrafadas e pontapés, quando:

Veio quicando, pererecando, minguando e gol. Fácil. Parecia ser uma presa fácil. Muito fácil. Antes de ela chegar, levantei a cabeça. Já pensava na jogada seguinte. Antecipava movimentos. Vislumbrava estratégia. O jogo estava acabando. O empate era bom. A vitória, melhor. Levantei a cabeça. O Magrelo estava desmarcado. Sozinho. Livre. Era tocar nele e gol.

Foi quando me abaixei para pegá-la e devolvê-la que aconteceu:

Fêmea que era, luxuriante que era, falsa que era, felina e ferina que era, deslizou numa poça-d'água adquirindo uma força de mil cavalos, de não sei quantos Capitães Márveis, muitos Hércules e passou por mim, me driblou, me zombou, escarneceu.

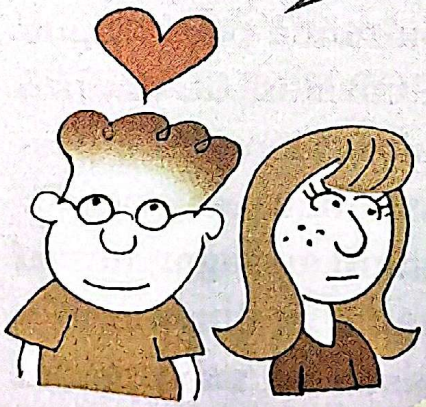
Quando olhei, estava entrando, devagar, muito devagar, devagarinho, lentamente, letalmente. Desesperado voltei. Passo em falso. No sobrepasso. Catei cavaco, bebi lama. Focinhei. E ela entrando. Mansa, cordeira, ordeira. Escapando e entrando. E lá estávamos nós, ela e eu misturados nas malhas da rede. Levantei os olhos e percebi Glorinha. Vislumbrei Glorinha. Vi Glorinha. Chorei, chorei de raiva. Raiva de mim. O Bolinha também.

Digitalizado com CamScanner

6

A namorada

ou
de como Glorinha, em sua infinita insensatez e desinteresse, desconhece os sonhos e o amor que faz barulho a seu lado.



Digitalizado com CamScanner

A primeira vez que vi Glorinha, ela estava na casa do Rutinha. Usava fitas nos cabelos e seus dois olhos verdes saltaram sobre os meus. Foi um encontro casual e eterno. Não consegui ficar em sua presença mais do que um minuto. Foi rápido. O mundo desabou ali mesmo, na frente de todo mundo. Corri para o bar do Tião. Rutinha foi atrás querendo saber o que houve. Eu perdi a respiração e só soube dizer que não houve nada.

A partir daquele dia seus grandes verdes olhos me perseguiam e os via em todos os olhos, seu rosto sorria em outros rostos e as fitas estavam em todos os cabelos.

Glorinha, certamente, era um anjo – (mau às vezes) – porque se multiplicava em mim e derramava em todo meu corpo – (às vezes bom) – quando penetrava sorrateiro em meu quarto e preenchia meus sonhos.

Glorinha vivia em mim. Era uma outra perna que tinha adquirido, ou o travesseiro que faltava. E Glorinha tornou-se uma obsessão. Ela corria em meu sangue. Acordava comigo e não se separava mais. Tomava o café da manhã, almoçava, jantava e era a principal artista de meus sonhos. Até a bola de futebol passou a se chamar Glorinha e foi por isso que resolvi ser goleiro. Não admitia chutar Glorinha. Preferia agarrá-la. Senti-la em meus braços.

Na escola, a professora era Glorinha, as meninas eram Glorinhas, até dona Maria da cantina era Glorinha.

A imagem de Glorinha me transbordava e fluía em todos os poros. Refletia nos óculos, nos

Digitalizado com CamScanner

espelhos, nos vidros, na garrafa do refrigerante. Glorinha me inundava com sua presença, com seus olhos, pêlos e cabelos. Glorinha me sugava, me surrava, incomodava. O seu nome me enchia a boca: g l o r i n h a, g l ó r i a, g l ó r i a m i n h a, Glorinha era minha glória.

Glorinha domingava em mim e foi num domingo que consegui revê-la. Missa das 10, eram 9h45min. Perambulava no adro da igreja quando Glorinha apontou na esquina. Fiquei em pânico. Minhas pernas tremeram. O coração disparou. Me escondi atrás de uma árvore.

Ela vinha acompanhada de outras meninas e falava sem parar. Estava radiante e vestia vermelho. Ela passou perto da árvore onde estava. Não me viu. O medo e ansiedade foram tantos que virei raiz, folha, tronco. Era outono e me despenquei lá de cima. Tinha virado uma folha. Uma folha seca. Mas um vento bom não me deixou perdido, à mercê de passos desavisados ou de alguma roda descuidada. A aragem dominical me levou até o templo e me alojou atrás de Glorinha. Se a morte era a glória celeste, Deus, em sua infinita sabedoria, provavelmente, não conhecera a Glória terrestre. E ela estava ali, no templo. Perto Dele, orando a Ele, falando a mesma língua Dele. E nesta hora queria ser também Deus e assim mudaria as escrituras: "No princípio era a Glória e Glorinha se fez minha namorada e habitou entre nós".

O padre, no púlpito, desencadeava uma maldição sobre o pecado da carne, sobre a castidade,

Digitalizado com CamScanner

mas meu amor era tão casto que nenhum anjo, mesmo Gabriel, teria coragem de me expulsar do paraíso.

Enquanto o padre vociferava, eu desejava cada vez mais Glorinha. E aquele sermão poderia durar toda uma vida, que não me importaria.

E quando a missa terminou, ela saiu como entrara, ruidosa. Mas percebi que ela olhou para um rapaz. E aquilo foi um punhal, uma faca de muitos gumes. Fiquei arrasado e meu primeiro ímpeto foi matar aquele sujeito.

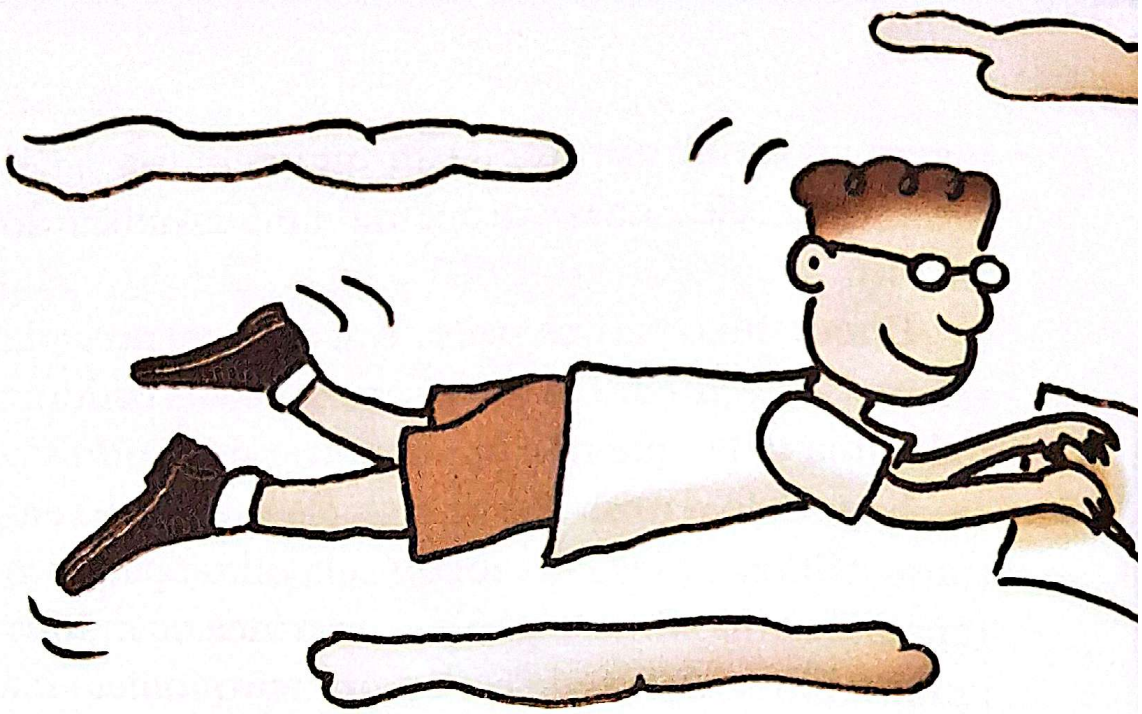
E meu dia transcorreu violento. Não almocei nem fui à matinê. Conheci o ciúme.

A noite foi infernal. Arquitetei mil planos para abordá-la. Imaginei cenas, encontros. Construí diálogos. Ouvi a sua doce voz penetrando em meus ouvidos e dizendo sim, sim, sim. Neste momento virei palavra. E naveguei todo o quarto. E a palavra Glorinha tinha asas. Era um pássaro de mil cores. E sobrevoei o quarto várias vezes e esse pássaro era Glorinha que voava em mim.

O sono veio tarde. Delirei. Glorinha transformou-se em Julieta, depois em Míriam Lane, em Narda e desfilou em mim com vários nomes. Às vezes tornava-se Rapunzel e ficava na torre inexpugnável, pedindo socorro, lançando as tranças para o príncipe encantado. E este príncipe nunca era eu, pena.

Nessa mesma noite, caminhamos de mãos dadas. Estávamos em silêncio, mudos. O cenário era um pátio de longas paredes que não acabava nunca. Éramos os únicos naquela paisagem. Aproxi-

Digitalizado com CamScanner



mei-me de seu rosto e ela recuou, negou, negaceou, mas insisti. E quando lábios e olhos se tocaram, tudo evaporou. Acordei.

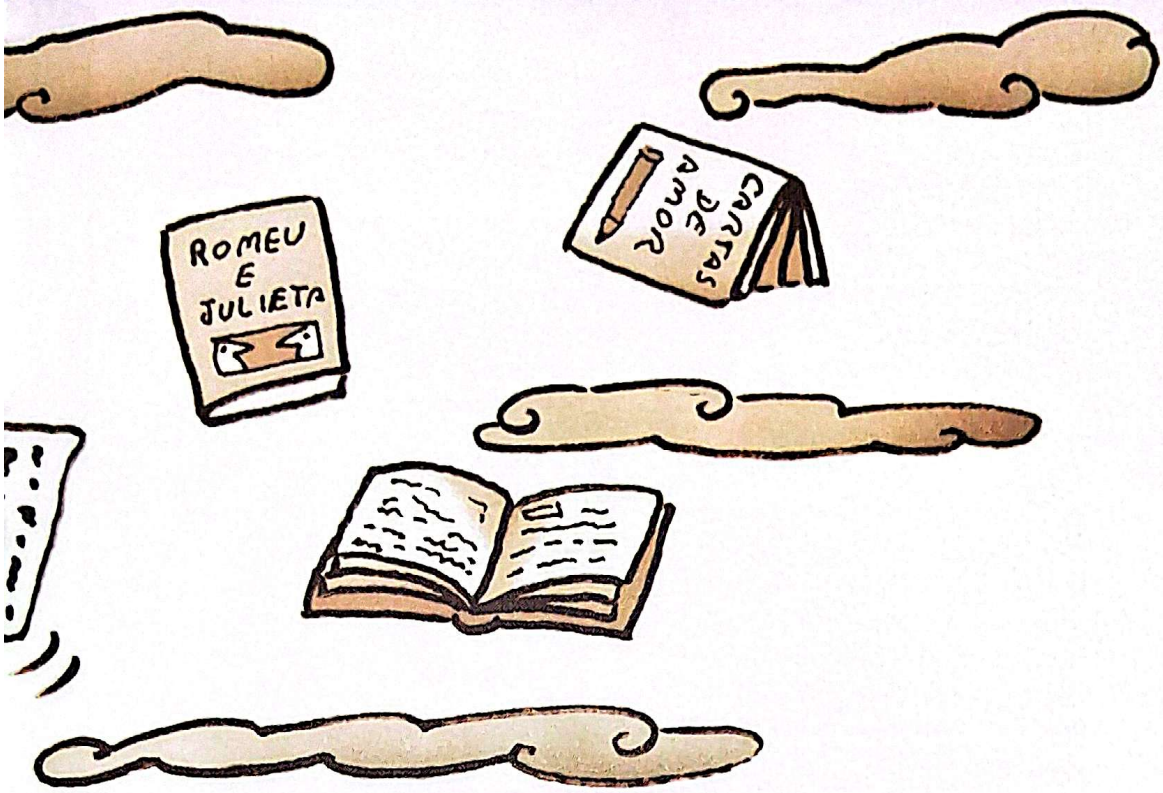
E Glorinha continuou no ofício de me percorrer, de me perseguir. De me domingar. E Glorinha me dominou durante muito tempo, quando uma idéia luminosa glorificou todo meu sofrimento: escrever uma carta, era a saída.

Rabisquei papéis. Rasguei. Não consegui escrever além de seu nome. Mas o Divino Espírito Santo, a terceira pessoa (ou a segunda?) da Santíssima Trindade, me encheu de luz: na segunda prateleira da estante de meu irmão descobri um livro, o maior de todos: *Cartas de amor*; roubei-o.

Na página 27 estava a minha declaração, a carta que pedira a Deus. O autor era um gênio, descobriu as minhas palavras. Era assim:

ESTAS MAL TRAÇADAS SÃO ENDEREÇADAS ÀQUELA QUE TORNA MEUS DIAS COMO ESTE CÉU DE ABRIL (abri a janela e o céu estava horrí-

Digitalizado com CamScanner



vel, ia chover, e era maio) VOCÊ É A DULCINÉIA QUE TANTO ALMEJO (perguntei ao Bolinha quem era Dulcinéia e ele me disse que achava que era a miss Brasil) SOU UM CAVALEIRO ERRANTE (troquei o "errante" por "certeiro" porque ela podia achar que eu era um cara cheio de erros) TE VEJO EM TODOS OS LUGARES. CHEGOU A HORA DE UNIRMOS NOSSAS SOLIDÕES.

TEU
ROMEU

Assinei, molhei as pontas do envelope com cuspe, surrupiei uns trocados na bolsa da mãe, comprei selo e coloquei a carta no correio com o coração ansioso.

Um mês depois chegou a carta de Glorinha. Fui com sede ao pote. Abri sem cuidado. E fui lendo: A RESPOSTA ESTÁ NA PÁGINA 40, do mesmo livro.

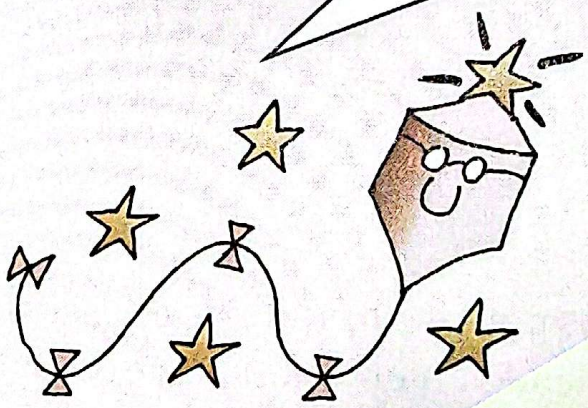
TUA
JULIETA.

Digitalizado com CamScanner

7

A manivela

ou
de como certas coisas devem
ser preservadas, porque
o primeiro coice o cavalo me dá,
no segundo eu sou o cavalo.



Digitalizado com CamScanner

Quando se tem uma manivela especial, benze-se, porque senão botam olho gordo. Quem me falou isto foi o Magrelo e aquela era especial, muito especial. Foi comprada no Presídio de Neves e o preso que a fazia já morreu.

Era grandona, imensa, quase meio metro de altura. Madeira da boa. Vinhático? Madeira de lei? Peroba? Sucupira? Sei não. Mas os papagaios pareciam felizes quando subiam e deslizavam no céu. Era meu xodó. Passava óleo de peroba e cera, todo dia. Dormia no meu canto. Era um outro travesseiro.

O Alemão não tirava os olhos dela:

"Com esta manivela não perco laçada".

Propôs:

"Troco pela minha chuteira e dou ainda minha coleção do Fantasma".

"Não."

Disse aquele "não" só para encurtar de vez a conversa. Da manivela não desfazia.

"A chuteira é acolchoada, macia."

"Não dá, não dá."

Só estou contando essa conversa porque o Alemão sabia que eu era maluco para ter uma chuteira e a dele era acolchoada e as traves, amarelas. A chuteira do Alemão servia até como sapato. Ele ia às aulas e às matinês com aquela chuteira que não machucava o pé. Mas da minha manivela eu não largava.

Um dia meu primo apareceu em casa:

"Quero a manivela".

"Empresto não!"

Digitalizado com CamScanner

"Fiz um papagaio com lanterna."

"Com lanterna?"

"Só com a sua manivela."

"Empresto não!"

"Papagaio com lanterna não é para qualquer manivela."

"Bem."

Acabei emprestando. Afinal, nunca tinha visto um papagaio com lanterna, você já viu?

Contei para o Alemão e para o Magrelo e a notícia virou vento, esquina, boca do mundo, correu. Quis ver o papagaio antes. Meu primo fez mistério:

"Só na hora".

"Quero ver antes, a manivela é minha."

"Dá azar."

Este meu primo era um sujeito fechado, trancado. Cara amarrada. Sem sorriso. Resmunguento. De opinião. Caprichoso nas coisas. Gostava de fazer tudo sozinho. Tentei a chantagem:

"Se você não me deixar ver o papagaio, não empresto mais a manivela".

"Então leva essa manivela."

"Só quero ver um pouquinho."

"Nada. Nem pouquinho, nem poucão."

"Está bem."

E rezei para o dia passar depressa. Fiquei matutando, pensando, imaginando um papagaio de lanterna. Forçava a idéia. Nada. Papagaio com lanterna é coisa de sonho. E estava acordado. Eu não sabia como meu primo iria colocar a lanterna, mas esse primo era tinhoso, renitente e ia dar um jeito.

Digitalizado com CamScanner

Naquele dia só se ouviu e só se falou naquilo. Ninguém quis soltar papagaio naquela tarde, era para não espantar o vento. E nós ficamos ali comentando, conversando sobre o papagaio de lanterna, e para dizer a verdade eu estava muito orgulhoso porque a manivela que ia soltar o papagaio era minha e era especial.

Estava feliz. O pessoal vinha perguntar a que horas meu primo iria soltar o papagaio. Eu dizia que era à noitinha, mas eles queriam saber certinho, ali no relógio. Dava um sorriso chocho e balançava os ombros.

Dúvidas surgiram: que tipo de linha que meu primo ia usar? O Magrelo falou que devia ser linha 16 encerada, o Alemão retrucou dizendo que 16, mesmo encerada, não agüentava, que meu primo iria usar barbantinho. Concordei foi com o Alemão, porque o papagaio devia ser enorme, pesadão.

Era agosto. O vento estava bom. O morro estava cheio, quando meu primo chegou carregando aquele imenso papagaio, que mais parecia uma arraia do mar, um véu de noiva, uma constelação. O povo ajuntou em volta. Meu primo ficou bravo, bravíssimo. Cachorro zangado, pestilento. Babava.

"Se não arredarem, não tem papagaio."

"Oh!"

Meu primo era de opinião. Eu sabia. Todos sabiam. Birrento, bexiguento. Arreliado. De pouca ou de nenhuma conversa. Não bisava palavra.

O papagaio era grandão. Duvido que alguém

Digitalizado com CamScanner

tenha feito um papagaio maior que aquele. Era de muitas cores: vermelho, verde, amarelo. O rabo era branco e todo argolado. Duas taquaras subiam na vertical e uma cortava na horizontal.

Meu primo me chamou no canto. Tirou uma pilha do bolso, dessas pequeninas:

"Na hora que levantar o papagaio, você vai colocar esta pilha aqui", e me mostrou o lugar. Ele fez uma caixinha de bambu nas extremidades das taquaras verticais, colocou um metal ou alumínio para dar contato e tinha até uma luzinha na parte de cima. Fez também duas barbelas acompanhando as taquaras verticais. O engenho era complicado. Coisa de meu primo. Só dele. Da casmurrice dele.

O Alemão estava com razão. Meu primo estava usando barbantinho. O papagaio já estava pegando altura, quando se ouviu:

"Dá uns arranquinhos para ele subir mais".

"Vira essa boca pra lá, se der arranquinhos a pilha cai."

Meu primo pensava em tudo. Sabia das coisas.

Era noite de estrelas. O papagaio lá em cima. No meio delas. Iluminando. Dançava. Estava feliz, ficaria a vida toda vendo aquele papagaio. Meu primo também estava feliz. Dava gosto. Ensaiava sorriso. E ele foi dando linha, linha, linha. O papagaio continuava subindo, misturando com as luzes, estrelas, lua.

O vento. O vento ventou de verdade. Forte. Tempestade. Ventania de Sexta-Feira da Paixão. Vento de dar medo. Diabo cuspindo fogo. Soprando fu-

Digitalizado com CamScanner

maça. Bufando. Tufão. Arrepiando a pele. Meu primo franziu a testa. Cuspiu de lado.

O papagaio dançou aflito. Estabanado. Girava sem rumo. Volteava. Dava grandes e agitadas buscadas. A lanterna caiu. Meu primo gritou para todo mundo ouvir:

"Droga, diabo de vento".

Ficou com raiva e foi puxando o papagaio com raiva. O papagaio rodopiou, murchou. Meu primo fez caretas, amaldiçoou:

"Que diabo!".

E jogou a manivela no chão, com força. Aquilo me doeu. Doeu lá dentro. No coração. E foi saindo como se não tivesse nada acontecido. A turma abriu caminho. Não olhou para ninguém. Nem falou nem resmungou. Calado. Pedra de ferir calango. Mudo. Tive raiva. Muita raiva. Nem um obrigado. A manivela é boa. Nada. Nem um muxoxo. A manivela ficou ali, no chão, desconjuntada. Paralítica.

Cortei o barbantinho. Não queria saber mais de papagaio com lanterna. Não queria saber de meu primo. Emprestar manivela? Nunca mais. Nem para o rei. E agora, como é que eu fico e como é que faço para soltar o meu surecão?

Como diz minha mãe "o primeiro coice o cavalo me dá, no segundo o cavalo sou eu".

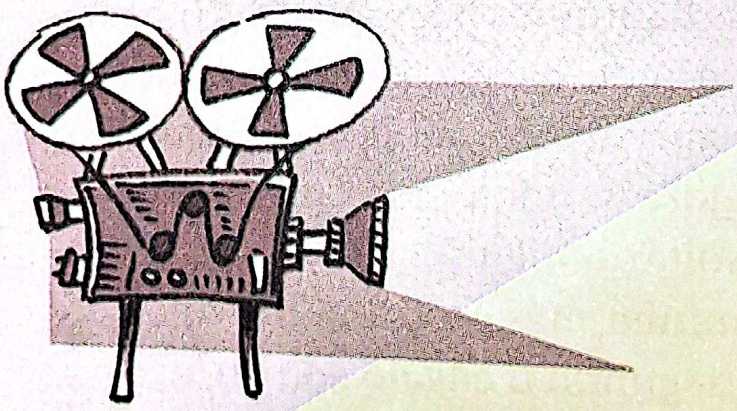
Digitalizado com CamScanner

8

Desfolhando a margarida

ou

de como assistir a filmes proibidos sem pagar o devido ingresso. O milagre é possível. As linhas de bonde continuam tortas, mas as muletas, certas.



Digitalizado com CamScanner

Manqüeba era o apelido do Tonico. Ele chegou no bairro depois, bem depois. Tinha as pernas atrofiadas e um braço torto. Andava de muletas, mas e daí? Ele topava tudo. Até pelada jogava. Na água, era um peixe, só não conseguia pular de bonde andando. No entanto, era o único a entrar em filmes impróprios para menores de 18 anos. O porteiro ficava com dó, e o deixava entrar. A gente podia até usar disfarce que o diabo do porteiro descobria. E o jeito era aguardar o filme terminar, e ficar na esquina, esperando pelo Manqüeba, para ouvir o filme de sua boca e imaginar. E quando era filme com a Brigitte, a tesão de todo mundo aumentava.

Quando anunciaram o filme: *Desfolhando a margarida*, houve um tumulto geral. Todos queriam vê-lo. A esquina era pequena e não cabia tanta gente. Tivemos que fazer um ingresso especial, acompanhado de uma senha que era assim: LOBO MAU VEM HOJE e o cara tinha que responder ESTÁ COM A VOVOZINHA. Mas mesmo assim a esquina ficou empilhada. Tinha nego até em cima do muro.

O Manqüeba chegou, olhou aquele povo todo e disse:

– Só conto se pagarem ingresso.

– Outra vez? – perguntou o Bolinha.

– Sem dinheiro não conto.

– Isto é sacanagem – falou o Rutinha.

– Assim não dá – o Alemão falou.

O Manqüeba estava decidido, bateu a muleta três vezes no chão e repetiu:

– Se não pagarem, não tem filme.

Digitalizado com CamScanner

E como já tinha neguinho subindo pelas paredes e abraçando poste, o jeito foi passar uma latinha. E a gente só ouvia o tilintar das moedas. Depois de resolvidos estes problemas, Manqüeba exigiu um banquinho, que foi logo providenciado. Ele se assentou, tossiu, olhou para a platéia com ar superior e começou:

– Meus senhores, minhas senhoras, estamos aqui reunidos...

Alguém gritou:

– Pára com essa ladainha e conta logo.

Manqüeba pigarreou, levantou o queixo, alisou novamente as muletas e disse:

– Antes de mais nada eu quero prestar uma homenagem àquela que nos acompanha nas noites de frio, nos sonhos quentes, nos banheiros, vamos fazer um hip hurra pra Brigitte!

Todo mundo:

– Brigitte, Brigitte, Brigitte!

E o Manqüeba começou: "Ela, a Brigitte, chegou no apartamento com um cara, tomou um uísque... ah, estava me esquecendo, antes de entrarem, eles se beijaram na porta". Alguém vivamente interessado perguntou:

– Na boca?

A turma toda:

– Ô bocó!

– Ô bobão!

– Onde que você queria que a Brigitte beijasse o cara, na bunda?

O Manqüeba pediu calma igualzinho deputado em comício.

Digitalizado com CamScanner

– Se não fizerem silêncio, não continuo.

– Psiu – era o Rutinha.

"Então, ela encostou no sofá cruzando as pernas." Lá do fundo perguntaram:

– Como é que estava vestida?

– Porra, se continuar assim, não vai dar – o Manqüeba estava autoritário.

– Ninguém fala mais nada – decidiu o Magrelo.

– Não me interrompam, senão eu não chego no fim – de novo o Manqüeba.

E continuou:

"Ela cruzou as pernas e apareceram as canelas. Neste momento o cara estava servindo uísque, em seguida colocou um disco na radiola e a Brigitte falou: vem meu bem – fazendo um biquinho com a boca – aí o cara ficou todo assanhado".

– Chega lá, Manqüeba, que não agüento mais – gritou o Alemão agarrando um poste.

Manqüeba continuou sem fazer nenhuma censura, apenas riu.

"Mas o cara não foi, acendeu um cigarro de filtro, olhando para as canelas de Brigitte. Deu uma tragada e abotoou o paletó. E a Brigitte lá, encostada no sofá, balançando as pernas dizendo: *mon* cocô, *mon amour* e lançou beijinhos no ar."

– Nossa! – suspirou o Bolinha estalando os dedos da mão esquerda, porque a direita estava ocupada. E o Manqüeba, sentado no banquinho, fumando um mata-rato e jogando fumaça no ar, continuou:

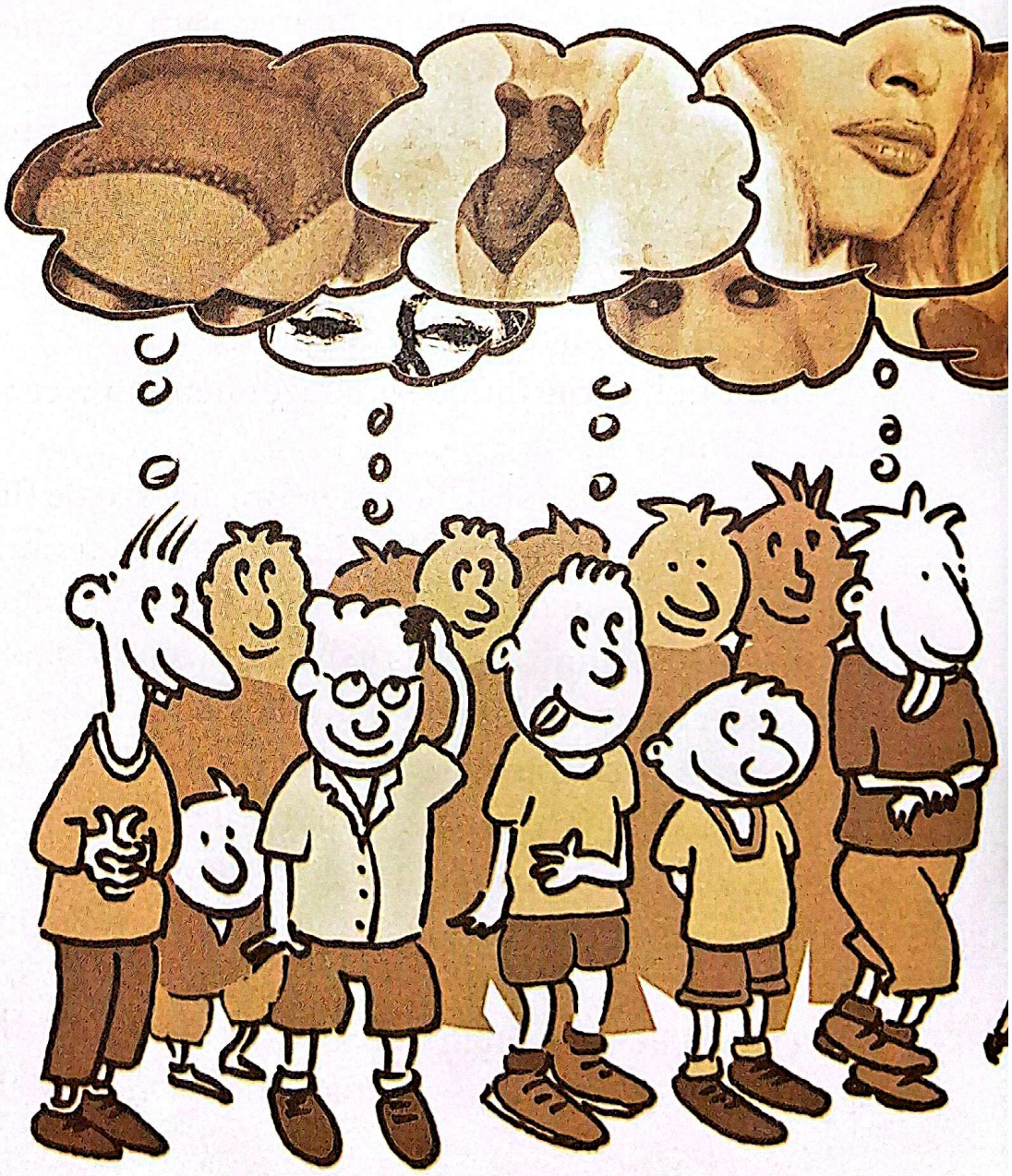
"O cara jogou o cigarro fora e aproximou-se de Brigitte e disse com cara de machão, falando pelos

Digitalizado com CamScanner

cantos da boca: '*mon amour*, você é demais' e começaram a dançar. E aí foi que aconteceu".

– O quê? – estava aflito o Rutinha.

– A coisa – respondeu o Manqüeba e continuou: "O cara desabotoou o costume da Brigitte e o jogou no chão. A Brigitte fez o mesmo com o paletó dele. A Brigitte estava de saia e blusa e o cara de calça e camisa. E ficaram naquele mexe-mexe um tempão, aí a música aumentou e o cara meteu a mão na blusa da Brigitte rasgando tudo e o cara mesmo tratou de tirar a sua camisa. A música esta-



Digitalizado com CamScanner

va alta e ligeira e a mão do cara também estava ligeira e chegou rápida até o zíper e foi de uma vez só. A Brigitte ainda chutou a saia pros lados e nesta altura do campeonato o cara só estava de cueca samba-canção e camiseta e a Brigitte de combinação lilás e meia com ligas. E eles continuaram dançando naquela sem-vergonhice e o cara muito safado aproveitou e apagou a luz da sala deixando só a abajur ligado".

A Brigitte fez um muxoxo com a boca.

– Como é que ela fez? – perguntou o Garzon.

Digitalizado com CamScanner

– Assim – e remedou a boca da Brigitte.

E quando o Manqüeba imitou a Brigitte o Alemão despencou do poste e agarrou o Manqüeba, derrubando-o com muleta e tudo. Aí o Manqüeba ficou puto e disse:

– Não conto mais.

– Se não contar, roubamos as muletas – falou o Garzon.

– Podem roubar.

E roubamos mesmo. Porque aquilo não se faz (no melhor da festa), o cara interrompe a brincadeira? O Garzon já estava com os olhos vidrados e não perdoou, ele mesmo pegou as muletas de Manqüeba e falou assim:

– Vem cá, *mon amour*, vem pegar suas muletas.

O Manqüeba ficou esperneando lá no chão, puto, xingando. O Garzon deixou as muletas na esquina e fomos embora, direto pra casa, porque tínhamos que praticar nosso exercício diário em prol da Brigitte, nossa amada, idolatrada, salve, salve!

Depois do caso das muletas, o Manqüeba andou bronqueado com a turma e passamos um tempão sem ver filmes impróprios. O negócio foi apelar pros retratos da Brigitte em todos os banheiros da escola.

E a gente estava naquela atividade, sem muito o que fazer, sem novidades, quando se transferiu para a escola um alemão da Alemanha, que ficou chamado Xucrutes. No início, ele ficava nos cantos, ressabiado, medroso. O Bolinha até achou que o Xucrutes era fresco e tinha gente sonhando com suas pernas brancas e longas.

Digitalizado com CamScanner

Um dia ele apareceu com um maço de cigarros de filtro e distribuiu pra turma, foi um sucesso, porque a gente fumava era guimba ou cigarro de chuchu. Depois nos convidou para ir à sua casa. Morava num sobradão com piscina, três empregados, e escambau. Todos ficaram encantados e bestas com o luxo. Estávamos embasbacados, tontos, perplexos quando o Xucrutes nos chamou numa sala escura. Notando a nossa indecisão, abriu o jogo:

– Num é sacanagem não, é cinema.

– Oba – entusiasmou o Bolinha.

– É filme pornográfico, eu roubei do papai – confirmou o Xucrutes.

– É comigo mesmo – retrucou o Rutinha.

– Pra mim não é novidade – falou o Manqüeba com ar de experiente.

Todo mundo estava esperando uma coisa devagar, igual aos filmes do Manqüeba, a coisa só acontecia no fim. Aquele não: ele ia direto ao assunto. Todo mundo peladão, na melhor, no remelexo, no sacolejo, na esfregação. A gente assustou com tanta sacanagem. Quando a luz foi acesa estávamos desfigurados, bambos, amarelos, ofegantes e de olhos vidrados. A gente saiu caminhando devagar, sem pressa, só pensando.

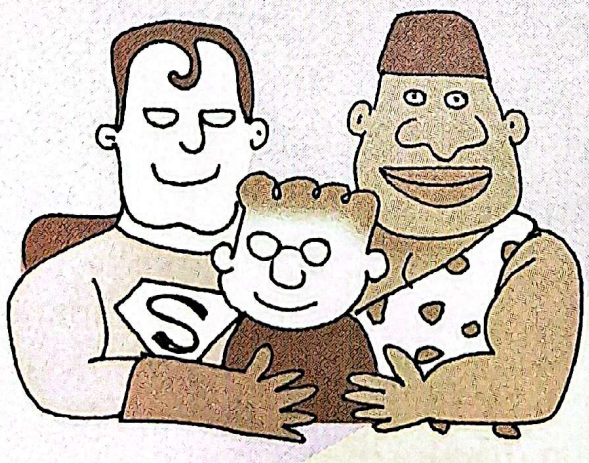
O Manqüeba estava dócil. Ofereceu cigarro pra todo mundo, em seguida chutou com a perna direita um bagaço de laranja e até pegou o bonde andando. A gente estava tão emocionado que ninguém notou nada. Quando o Bolinha gritou "Milagre" é que o Manqüeba deu falta de suas muletas e caiu.

Digitalizado com CamScanner

9

Lothar

ou
de como o comércio dos
quadrinhos tem sua bolsa
no bar do Tião. A cotação varia
de acordo com os heróis.



Digitalizado com CamScanner

ncontrei o Bolinha na esquina do bar do Tião, pra trocar gibis.

O negócio era meio secreto, porque o gibi era uma leitura condenada pelos pais, tias e, principalmente, pelas professoras. E olhe que naquele tempo a televisão era apenas uma ameaça. Tinha era o seriado do "Flash Gordon" todos os domingos no Cine e Teatro São José.

Troquei os gibis no maior segredo. Se alguém visse, corríamos perigo. Só o botequineiro sabia de nossas tramóias. Foi ele quem guardou durante muito tempo minha coleção do Mandrake. Se o Mandrake aparecesse lá em casa, mesmo sendo mágico, seria primeiro ameaçado, depois cortado pela tesoura da mamãe.

Um "Fantasma" valia por dois "Capitão Marvel", um "Mandrake", por três "Capitão América", "Tarzan" variava de cotação. Ora valia dois "Rock Lane", ora valia um "Roy Rogers". O mais cobiçado e querido era o "Super-Homem". O Rutinha e o Alemão repetiam sempre as falas iniciais da história. Mudavam de voz:

"É um pássaro?..."

"É um avião?..."

"É um homem?..."

Os dois:

"É o Super-Homem!" Tchan, Tchan, Tchan!!!

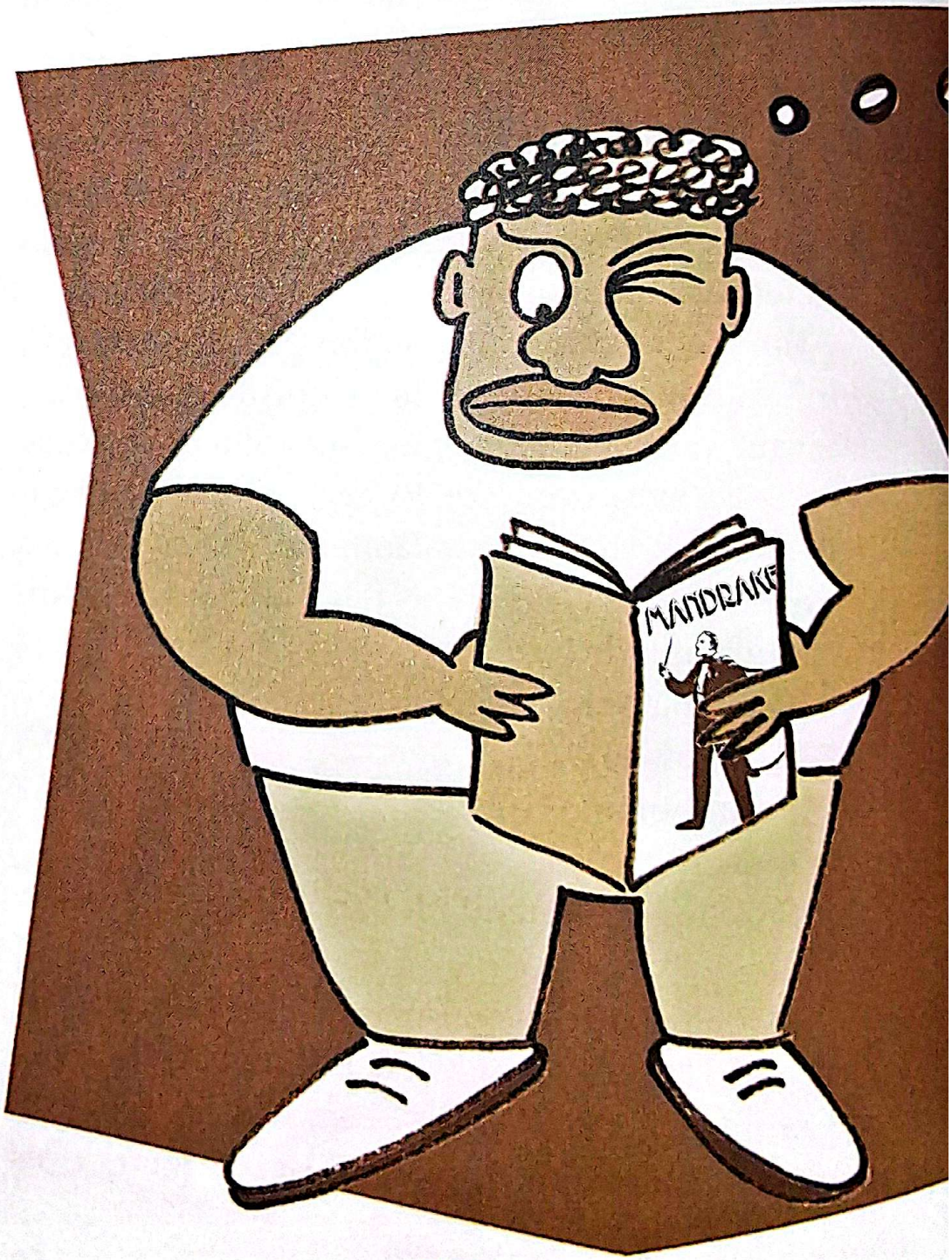
Naquele dia consegui trocar três "Mandrakes" por quatro "Flash Gordon". O Bolinha topou a troca porque era tarado pelo Flash e sabia todas as suas histórias de cor. Depois eu deixei meus gibis

Digitalizado com CamScanner

com o Tião, que, como sempre, repetiu a ladainha:

"É a última vez".

O Tião só guardava os gibis. Não sabia ler nem escrever. Era um crioulo forte e grosso. Desses que encaram um saco de farinha de 60 kg, sem mostrar as falhas dos dentes. E quando ele caminhava parecia que o mundo ia cair. Nós o apelidamos de LOTHAR, aquele amarra-cachorro do Mandrake.



Digitalizado com CamScanner

A princípio, o padeiro não gostou. Perguntava: "Lotar o quê?", e saía resmungando.

Um dia o Bolinha mostrou-lhe o desenho do Lothar. O Tião ficou pensativo, vendo aquele brutamontes com roupa de tigre. Duas rugas brotaram em sua testa. Os olhos se dilataram. Cruzou as mãos e vociferou:

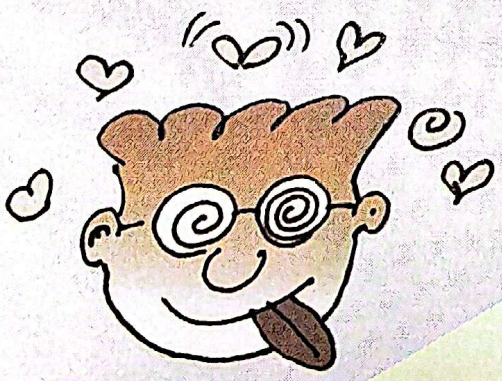
"No carnaval, vou comprar uma roupa desta".

Digitalizado com CamScanner

10

Aprendizagem

ou
de como se aprendem muitas coisas
que não se ensinam na escola.
A gramática do amor não conjuga
o verbo no futuro.



Digitalizado com CamScanner

Fui chegando e apertando a campainha. Quem me atendeu foi uma moça. Perguntei, de cara, se ali morava uma tal de dona Marieta. Fiquei assustado quando a moça respondeu que dona Marieta era ela. E eu tinha imaginado dona Marieta uma velha caquenta, uma peça de museu, dessas que passam a vida inteira misturadas a livros e traças, que sabem latim e grego.

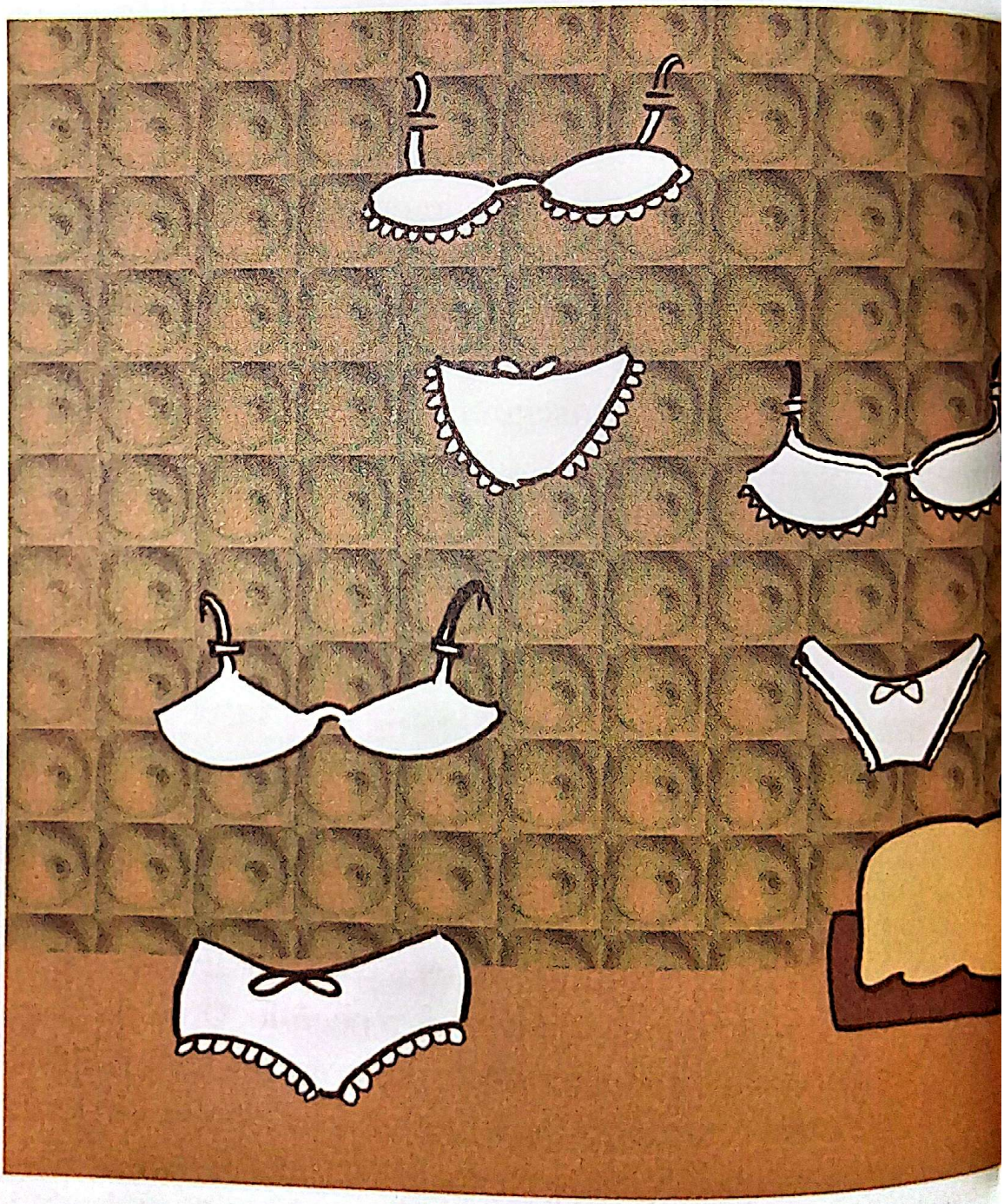
Ela falou: "Entre", e entrei meio ressabiado, olhando para as paredes, mas sem fixar os olhos em quadro nenhum. Apontou uma cadeira e me assentei com cuidado; ela foi à estante e tirou alguns livros. Pegou caneta e papel e se assentou à minha frente. A mesa não era grande e, se esticássemos os braços, fatalmente os dedos se encontrariam. Abriu um livro a esmo e disse: "Leia". E fui perseguindo as letras, gaguejando, tropeçando nos "s" e "t", mas consegui chegar ao final, suei. Aí ela leu para mim o mesmo trecho. Em seguida, me pediu para ler novamente o texto, coisa que fiz com dificuldade, porque procurei esmerar na pronúncia de algumas palavras e acabei tropeçando ainda mais. Eu estava pouco à vontade e tremia nas bases, porque dona Marieta estava séria, circunspecta como convém a uma professora.

Após a leitura, ela falou, só para me animar: "Melhorou", e me pediu que pegasse o lápis e o papel. "Vamos fazer um 'dictée'." Mas o lápis escorregou de minhas mãos e caiu debaixo da mesa, instintivamente abaixei para pegá-lo. Quando já estava levantando a cabeça, deparei com seus joelhos. Então retardei o movimento, pude ver o início de

Digitalizado com CamScanner

suas coxas, fiquei doido e com muito custo retornei à posição normal. Estava trêmulo.

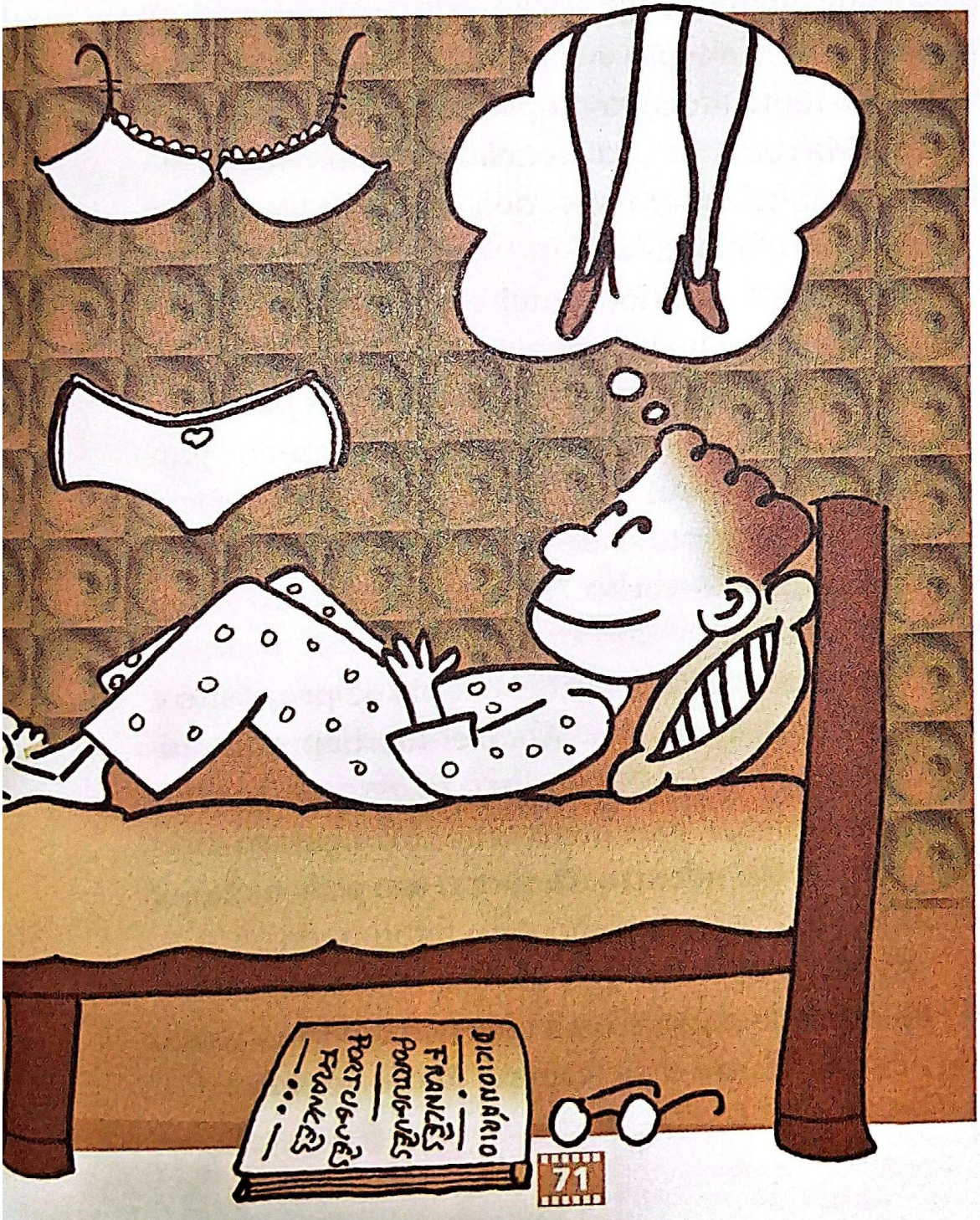
Não ouvi nada do ditado, só pensava nos joelhos e no palmo de coxas de dona Marieta. O coração acelerado. Quando terminou de ditar, quis ver o que eu tinha escrito e viu foi uns rabiscos e alguns desenhos. Olhou para mim com cara de assassina e pediu o presente do indicativo do verbo "aimer", tirei de letra, embora tropeçasse na terceira pessoa do plural.



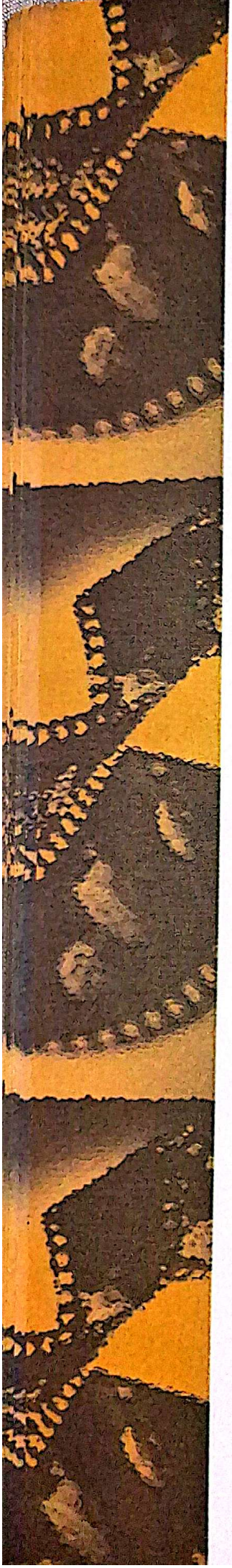
Digitalizado com CamScanner

Chegando em casa, minha mãe perguntou se tinha gostado da professora. Falei que sim. Tranquei-me no quarto para pensar e saborear aqueles joelhos de minha primeira aula particular.

Para a aula seguinte, caprichei no futuro do verbo "aimer", me escovei todo e cheguei dez minutos adiantado. Toquei a campainha e quem me atendeu foi a empregada. A professora estava no banho. E da sala escutava o barulho do chuveiro



Digitalizado com CamScanner



elétrico. Imaginei dona Marieta tomando banho e me molhei todo. De repente a porta do banheiro se abriu, ela passou correndo no corredor em direção ao quarto. Estava enrolada na toalha. Deixou a porta do quarto semi-aberta e, de onde estava, dava para ver sua sombra. Só que a sombra que eu via era muito além da sombra real. Fiquei excitado e quase fui ao quarto, mas ela apareceu vestida de quimono.

A aula foi quase igual à anterior. Iniciou-se com a leitura de um texto e ela disse para que eu prestasse bastante atenção na pronúncia de certas palavras. Mas eu prestava atenção mesmo era em sua boca e, naquele momento, quis também tornar-me palavra para habitá-la.

Durante o ditado, tentei concentrar-me. Não foi possível. Minha imaginação era mais forte. Mas mesmo assim consegui escrever algumas palavras. E quando ela se debruçou para corrigir meus garranchos, vislumbrei o início de seus seios e descobri que ela não estava de sutiã. Ela não me pediu a conjugação do verbo "aimer" e o futuro ficou para depois.

Na quarta aula, derrubei o lápis de propósito e em seguida a borracha. Abaixei-me depressa, temendo que ela também assim o fizesse. Os joelhos eram os mesmos, mas meus olhos avançaram duas polegadas coxa adentro. Demorei um pouco mais e ela não mudou de posição nem falou nada.

Na aula seguinte, quando toquei a campainha, a janelinha da porta estava aberta e ouvi sua voz lá de dentro: "Entre e me espere. Estou sozinha. É o

Digitalizado com CamScanner

dia de folga da empregada. E mamãe viajou, não demoro muito. Só mais um minuto". Entrei e sentei-me no sofá. Ela estava no quarto. A porta apenas encostada e continuou: "Já estou indo, vá lendo qualquer coisa aí".

A porta abriu-se mais um pouco, a casa ficou silenciosa. Ouvi barulho de cabides e o ranger das portas do guarda-roupa (provavelmente estava nua).

Na décima aula, ela não debruçou na mesa, mas percebi que o lápis foi impulsionado por ela ao chão. Pareceu-me de propósito. Fui buscá-lo como das outras vezes. Suas pernas estavam cruzadas e meus olhos navegaram suas coxas e adentrei mais aquele mar. Divisei uma bandeira vermelha, acho que era a calcinha. E vermelho fiquei durante toda a aula.

Em certa aula, ela passou a mão em minha cabeça e disse: "Vamos, menino". Aquele "menino" me arrasou por uma semana. Naquela aula eu conjuguei o futuro. Não aconteceu nada.

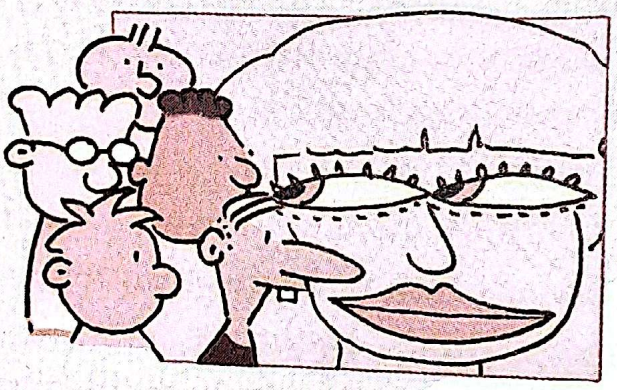
Na semana seguinte, eu me atrasei e ela ficou impaciente, notei. O lápis estava caindo com mais facilidade e suas pernas eram visitadas freqüentemente e tornaram-se íntimas. Inclusive uma pinta, logo acima do joelho esquerdo, que eu julgava ser minha.

Um dia, em vez de tocar a campainha, fui entrando sem avisar. Ela estava no meio da sala, em pé e sem falar nada me abraçou, aproximou sua cabeça da minha e enfiou a língua em minha boca. O mundo acabava de começar.

Digitalizado com CamScanner

A última sessão de cinema 11

ou
de como o Cine São José renasce qual fênix, apesar da luz azul das janelas e das espinhas de peixe.



Digitalizado com CamScanner

Se você pensa que vou contar como acabou aquela espelunca do São José está enganado. Pra dizer a verdade nem sei como essa droga acabou. Tudo acaba. Até montanha acaba. Não acabaram com as montanhas de Itabira e Belo Horizonte? Nem me lembro qual foi o último filme a que assisti naquele pulgueiro.

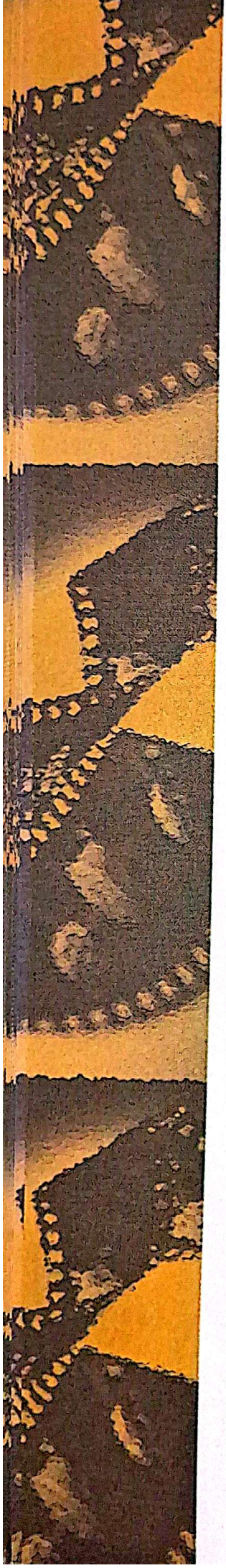
Entardecia. Andava por andar, demorando nos passos, gastando tempo. A turma chegaria na esquina dentro de minutos. Estavam atrasados, certamente.

Nenhum menino na rua. Nem os da turma do Zoréia. Senti-me, de repente, só. Estranho. Mas logo começaria o "nego fugido" e aquela sensação passaria.

Lembro sim. Como não iria me lembrar de John Wayne em *Os comancheiros*? Tinha lá um almofadinha francês que acabou casando com a filha do bandido e morando feliz para sempre no deserto. Será que alguém consegue ser feliz morando no deserto? O São José não acabou. Foi esquecido, o que é pior. Continua lá, para desespero nosso. Fechado. Defunto. Sem nenhuma função. Os ratos comandam o espetáculo. O próximo filme já tem até título: *Godofredo e seus roedores*. Não devem existir mais cadeiras. Só pó. O São José é uma imensa poeira.

As luzes começavam a acender. Embora a escuridão tomasse conta de mim. Nenhum menino, nenhuma menina. Uma lua despencava atrás de um muro e seu clarão formava figuras fantasmagóricas.

Digitalizado com CamScanner



Era um silêncio que incomodava. Como se alguma coisa estivesse acabando, quebrando. Tristeza maior só no olho de um boi, que sabe, em sua sabedoria pastoril, a hora de ser pastoreado no açougue.

No filme de Peter Bogdanovich, *A última sessão de cinema*, o ambiente é mágico. Transitório. O cinema, que tem seus dias contados, é o ponto de encontro de uma geração, de uma turma. E todos sabiam disso. Sabiam da mudança. E naquela cidadezinha do Texas terminava um ciclo, uma idade. O São José não teve isto. Não tivemos isto. Ninguém nos explicou nada. As coisas mudaram. De repente fomos mudados. Fica só esta lembrança cutucando com dedos finos as nossas costas. Não teve nenhuma comissão para informar que saímos do ar.

"Você ainda são sabe?" – fui surpreendido pelo Manqüeba.

"De onde você veio?"

"Estava parecendo morto. Nem viu quando cheguei?"

"Estava pensando, estava vendo as sombras da lua."

"Puxa, você está perdendo."

"Perdendo o quê?"

"É coisa de bacana, coisa de rico."

"Desembucha logo."

"Está todo mundo na casa do Xucrutes."

"E o nego fugido?"

"Duvido se alguém vai querer brincar."

Digitalizado com CamScanner

"E o combinado?"

"Que combinado? Ninguém não combinou nada."

"Mas nunca precisou. Está na hora de começarmos qualquer coisa."

"Mas hoje não dá."

"Trouxe o pau de bosta, aproveitei o cabo de vassoura, a bosta é só procurar no mato."

"O negócio é outro, o quente está lá na casa do Xucrutes. Está todo mundo lá. Vim te chamar e só vim porque fizeram um sorteio, senão não viria. Acha que gostaria de estar perdendo a programação?"

Contar é resistir. E o que é resistir? É ficar de pé, mesmo depois do nocaute? É isso, é? Roer os ossos do passado. Não sou catálogo de escombros. Não. Sou o agora. O mundo está cheio de frases feitas. As palavras estão aí. Gosto de bochecha, de abóbora, são palavras gordinhas, gostosas. Glorinha é uma palavra deliciosa. De encher a boca. Dá até vontade de mordê-la. Contar é resistir, como recordar é viver. Essas palavras só servem quando estamos em velório. O morto deve morrer mais ainda quando ouve essas baboseiras. O Cine São José morreu sem nenhum discurso, ainda bem. Nenhum sacana esteve lá para benzer a placa: "Fechado, só na outra encarnação".

"Programação?"

"É surpresa, pediram para não contar nada."

"Tem muita gente lá?"

"Todo mundo."

"Glorinha?"

Digitalizado com CamScanner

"Glorinha também."

"Então, não vou, acha que sou palhaço?"

"Deixa de palhaçada. Glorinha nem lembra de nada."

"Por isso mesmo."

"Se quiser vir, vem. Não vou insistir."

"Vou depois."

"Mas não demora muito, senão acaba."

A memória é um poço escuro. A memória é um poço sem fundo. A memória não tem lanterna. A luz está no fundo da memória. E outras calhordices mais. Gosto mesmo é de soltar papagaio, dar arranquinhos, regular a barbela. O Magrelo. Lembram dele? Ou a memória é um poço escuro, vamos, me responda. Pois é, o Magrelo fez um papagaio com vela. A vela caiu e o papagaio pegou fogo. O papagaio do Magrelo nunca subiu. Parecia mais um balão de São João. Não sei por que estou contando isso agora. O Magrelo anda por aí com seus quase dois metros de altura. Lá no décimo andar. E os outros?

Fiquei por ali algum tempo. Perdido em mim mesmo. Soturno. Que programação seria aquela de que até Glorinha participava? Devia ser coisa grande. O pai do Xucrutes sempre trazia novidades. Rico é homem novidadeiro. Não é como nós que gastamos sapatos e não saímos do lugar. Rico é diferente. Até bosta de rico é diferente. Cheira diferente. É mais clara, aliás rico nunca fala a palavra bosta, fala cocô.

Digitalizado com CamScanner

A lua subia ligeira por cima do muro. Atrás do abacateiro da casa da esquina. As sombras cresciam e os fantasmas ganhavam contornos diferentes. Já não metiam medo. Eram paisagens delicadas. Por que não ir logo e desfazer a dúvida? Dúvida? Não era dúvida, era expectativa, curiosidade. E Glorinha?

Todos estão por aí. Uns arrumados na vida, encaminhados. Outros no meio do caminho, tentando. Mas o que é vencer na vida? Minha mãe sempre falava, "é preciso juízo pra vencer na vida, olhe sicrano e beltrano", vencer na vida é ganhar dinheiro? Fazer cocô claro? Cheirar bem? Ser correto? Que lengalenga está esta prosa. Falando o óbvio. O que todo mundo ouve e fala. E escrever é descobrir outras palavras, inventar outras palavras. Falar o falável e escrever o escrevível é matéria de qualquer um, é desperdiçar tinta, gastar palavra e situações. É ou não é? As pessoas querem ouvir e ver o sonho. Contar é resistir. Nunca epilogar. Epilogar? Há palavras mais bonitas. Na matinê, quando aparecia a palavra THE END, todo mundo sabia que era o fim, final. O acabou-se o que era doce, até o próximo domingo com novas aventuras de Nioka, ou será que o Capitão Marvel conseguirá escapar da armadilha do Dr. Silvana?

"O senhorr ser amigo do Karl?"

"Que Karl?", perguntei àquela senhora toda de branco e com uma flor enorme decorando o vestido.

"Ser amigo de Karl?", perguntou de novo a senhora.

Digitalizado com CamScanner

"Sim, sou amigo de Karl", falei com um leve sotaque.

"Entrar por aqui. Faz favor. Os meninos estão lá dentro."

"Obrigado", falei de novo, tentando a mesma entonação da mulher.

"Karl vai gostar de sua presença", falou a mulher, caminhando para dentro da casa. Karl era o nome do Xucrutes. Os nomes nunca se ajustam às pessoas, os apelidos sim.

No outro domingo todos estavam a postos. Começava tudo na fila. Ali escolhíamos a vítima. Não, não quero começar tudo de novo. O Cine São José acabou. O Cine São José nunca existiu. O que existiu realmente foi aquele momento que ninguém sabia que existia. Que ninguém dava importância. O Cine São José é um prédio numa rua qualquer desta cidade que já não é a mesma, nunca foi a mesma. Sempre foi o que é: um enorme pasto onde ruminamos e digerimos nosso enfado, onde esquecemos e continuamos tentando atravessar as ruas que nos atropelam e nos devolvem para nossos cantos. Somos encantoados. Estamos encantoados. Somos ratos. Milhões de Godôs buscando a fatia do queijo. O Cine São José era isso. Não, o Cine São José foi apenas o começo de nossa inocência. Os pecados começaram mais tarde. Não foi o beijo no escuro, entre as pulgas e percevejos, entre risos e facadas, tiros e abraços, que maculou nossa geração; foram eles, os que tiraram os tijolos e pintaram de preto a

Digitalizado com CamScanner

tela. Foram eles que escreveram na mesma tela: "O sonho acabou". Acabou?

Entrei sem fazer alarde. Ninguém notou minha presença. Fiquei lá atrás. Atrás da poltrona. Em pé. Bolinha estava junto com o Garzon. Glorinha, perto de um menino branco, poderia ser da família de Karl, digo, Xucrutes. O Alemão não piscava o olho, Magrelo encolhido no sofá entre o pai de Xucrutes e o tio. A sala estava escura e, no fundo da sala, a imagem brilhava feito olho de cobra. Faiscava. Não dando oportunidade de recuo. Mariposa na luz, éramos.

O mundo é grande. Há outras maneiras de suportar a dor. Tudo continua à sua maneira. Vou caminhando. Para onde? Não sei. Nunca soube a direção certa. Mas há direção que não seja certa? Não falo mais daquele pulgueiro. Puxa vida! O Super-Homem, quando voava, o cinema vinha abaixo. Os dedos estalavam. As mãos encolhiam. O saco de pipoca amassava. As balas eram trituradas. Depois, a felicidade continuava e o sol batia em cheio nos olhos. Estávamos de novo na rua. Restava-nos o sonho. E íamos sonhar e repetir as façanhas dos artistas. A semana corria rápida. Não tínhamos tempo para nada. Era minha irmã Marinalva arrumar a casa e lá estava eu com a turma toda jogando botão: "Bola com Amarildo, lá vai o Possesso de posse da redondinha. Passa para Newton Santos, o Enciclopédia, este para o Príncipe de Ébano, o mestre Didi. O Folha-Seca caminha com a Leonor nos pés. A defesa da Rússia

Digitalizado com CamScanner

recua toda para a zona do agrião. Garrincha, a alegria do povo, fecha em diagonal e a bola chega até seus pés. Os Joões se enfileiram e vão caindo. É competente este Mané". Não, o sonho não acabou. Nada acabará enquanto existirmos. Contar é resistir, não é mesmo? Ou contar é fazer as contas do que foi bom, do lembrável? Ninguém conta o dia-a-dia, o cotidiano, o levantar-trabalhar-dormir; não, ninguém conta as normalidades. Nossas coisas eram anormais?

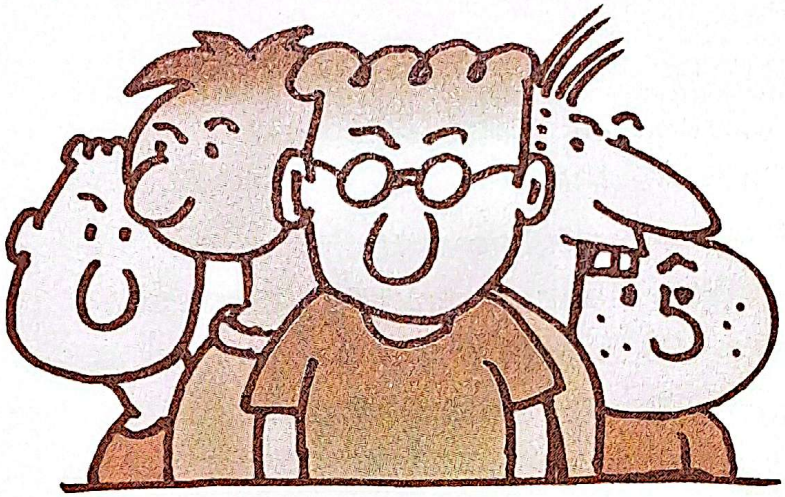
Glorinha não olhou para trás. Estava mais bonita. Vista no escuro desapareciam as pintas. Embora amasse aquelas pintas. No escuro a imaginação castiga mais. E Glorinha estava perto daquele alemão. Depois Glorinha levantou e saiu cozinha afora. Só então pude perceber a imagem. Melhor, só então pude prestar sentido naquela máquina. Naquela maquininha de fazer imagem. John Wayne falava com voz de John Wayne, o almofadinha francês conquistava a filha do bandidão e virava Federal no final da fita. Veio o The End *e alguém acendeu a luz, mas a maquininha não parou de fabricar imagens: "Aperta aqui, aperta ali, e o alívio imediato, Bozano!" "Próxima atração:* O direito de nascer".

Lá fora, a lua no centro do céu. A rua deserta. As casas, com janelas fechadas, deixavam escapar uma luz azul. Vozes iguais eram ouvidas em diferentes casas. E as casas vestiam seus telhados de espinhas de peixe. A lua solitária procurava as estrelas. Glorinha não voltara da cozinha do Karl.

Digitalizado com CamScanner

O mundo roda. A roda do mundo continua. Continuamos. Em sua ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA, o Cine e Teatro SÃO JOSÉ anuncia:

AS DESVENTURAS DE MINHA ADORÁVEL TURMA



ESTRELANDO:

Bolinha, Garzon, Alemão, Manqüeba, Glorinha, Rutinha, Godô e muitos outros.

ASTROS CONVIDADOS:

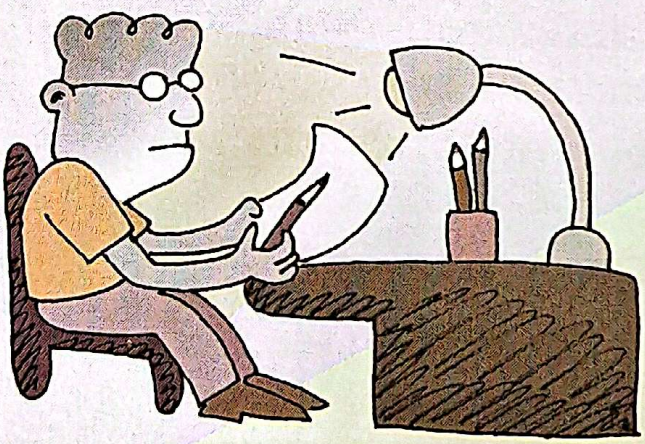
Roy Rogers e seu inseparável e insuperável Trigger, Brigitte Bardot e John Wayne.

... NÃO PERCAM!

Digitalizado com CamScanner

12 Pequena viagem à procura dos personagens e do autor

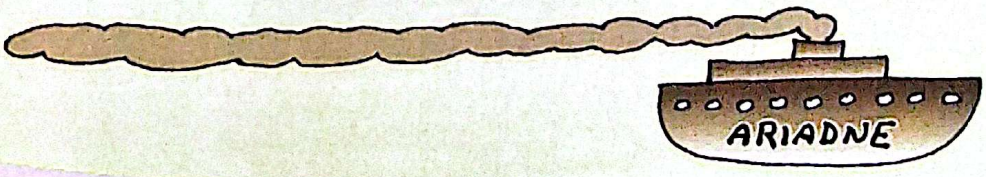
ou
de como as palavras adquirem um significado, mesmo dicionarizadas. Ou das im/possibilidades de produzir um mínimo dicionário usando luvas de "boxeur".



Digitalizado com CamScanner

Alemão. Camisa 9 do Ermelinda Esporte Clube. Usava óculos e não chutava com a esquerda nem com a direita. Adorava postes. Namorava postes. Namorava todos os postes de ferro. Ficou indignado e achou uma judiação quando a Prefeitura introduziu postes de cimento armado. Os postes eram possíveis namoradas. Lembro-me de um em especial, o Romualda. Romualda foi detentor de alguns beijos e variadíssimas sacanagens. Um dia, ou uma tarde? Não sei. Sei que fomos treinar no Glorioso e Sempre Clube Atlético Mineiro. Zé das Camisas era o técnico. Pediu-nos para esperar um pouco. Zé das Camisas morreu. O estádio de Lourdes virou campo de lazer. Alemão, Magrelo e eu estamos esperando. As chuteiras continuam engraxadas e sonhadoras.

Ariadne. Ontem o Bolinha me perguntou se eu me lembrava daquela professora que nós mandamos embora. Disse que sim com a cabeça. Depois me perguntou qual era o seu nome. Disse que não sabia. Aliás, nunca soube. Mas disse que ela deveria se chamar Ariadne e ele perguntou por quê. Então contei para ele aquela história (ou estória?) dos navios de minha terra. E ele falou que era frescura. E era.



Digitalizado com CamScanner

Autor/es. No Brasil não tem (têm) a mínima importância. O que vale é a história. O poema, a técnica. Nunca deram importância ao homem. O autor, se possível, deve vender uma imagem de beberrão, doente, desligado.

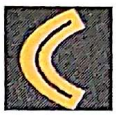
Av. Afonso Pena. É a principal avenida de Belo Horizonte. Já teve árvores, muitas. Mas em nome do progresso e de outras coisas um prefeito as derrubou. No Brasil, é comum matar o boi para acabar com os carrapatos.

Bentes-altas. Dizem ser uma versão do críquete. Embora nunca tenha jogado críquete com a rainha da Inglaterra antes do chá das cinco nem depois. Aliás, não sei como se joga críquete. Na Índia e no Paquistão, usa-se um bastão de madeira. No Brasil, joga-se com os pés. Agora, se você quiser saber como se joga bentes-altas, favor informar-se com pais e tios. N.B. A bola pode ser de meia, borracha ou tênis.

Bolinha. Qualquer semelhança com o personagem criado por Marjorie Henderson Buell em 1953 não é mera coincidência.
Vejamos: Gosta de Glorinha, epa! Gosta de bancar o detetive – O ARANHA. Mas, infelizmente, não tem um canivete que cleque faz.

Digitalizado com CamScanner

Bonde. Transporte coletivo que tinha entrada e saída por todos os lados. Em São Paulo era fechado. Em London London tinha dois andares. Em Portugal não sei.

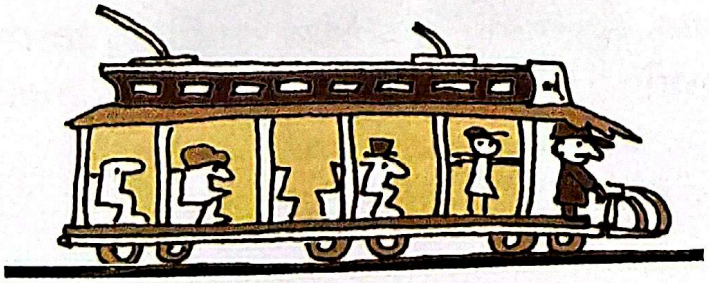


Camonibói. Versão de *come on boy*. Os bandidos e os artistas sempre que pegavam alguém desprevenido diziam com uma voz soturna: Camonibói.
"Mãos ao alto", vamos!

Chutinho. A bola, geralmente, é de meia. Apostava-se em quem dava mais chutes na bola sem deixá-la cair. O Manqüeba conseguiu de uma vez dar cinco chutinhos. O Alemão tenta até hoje.

Crente. De crente só a religião dos pais. O Vilmar gostava era de imitar o Nelson Gonçalves e o João Gilberto.

Custódia. É um lugar muito seguro. E é lá que se guarda uma coisa importante, mesmo desimportante. Já o OSTENSÓRIO é uma custódia onde se exibe, ostenta a hóstia consagrada. Entenderam?



Digitalizado com CamScanner

Domingada. Domingos da Guia, o grande beque da seleção brasileira, gostava de brincar, isto é, de fazer domingada dentro de sua área. E constantemente perdia a bola, o que resultava em gol do adversário. Depois da domingada, veio finalmente a bolinhada.

Dulcinéia. Criação imortal de Cervantes. Eterna noiva de Dom Quixote. Não passava de uma servente, para nós.

Elvis Presley. Nós esperávamos encontrar o Elvis na esquina. Levamos nossas guitarras. No cabelo, muita vaselina. Elvis não apareceu. Aliás fomos descobrir que o Elvis é uma canção que nunca morre.

Espinhas de peixe. Quem falou isso de verdade foi o Lord Cigano (José Wilker) no filme de Cacá Diegues, *Bye bye Brasil*.

Festival. De festa. Há festivais de música, de inverno, de verão etc. Mas igual ao festival promovido por padre Anselmo nunca ninguém viu,

Digitalizado com CamScanner

porque na verdade não existiu. O campo estava enfeitado com bandeirolas e bambus. E havia jogo desde às oito da manhã. Quem viveu viu, quem não viveu não viu. Essa lógica cartesiana me irrita.

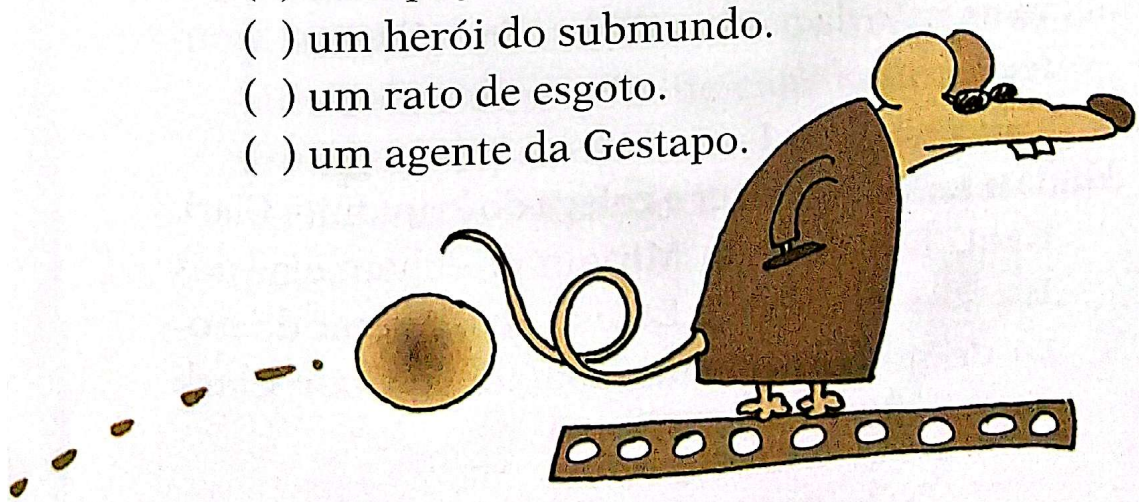
Finca. Esporte para os dias chuvosos. Usa-se um finco ou uma faca. Todo mundo já jogou finca. E todo mundo que já jogou finca tem uma história para contar. Pode perguntar a eles.

G

Garzon. "ESTAVA GUARDANDO O PIQUE QUANDO ZORÉIA apontou na esquina. Fiz que não vi e despistei. Deixei o poste desguarnecido. Fingi que estava procurando alguém. Depois só ouvi o fedaputa e o grito de vingança: 'Se pegar alguém hoje, mato', e foi em casa pegar a cartucheira do pai." (Ver verbete: "Nego fugido".)

Godofredo. Responda rápido – o nosso Godô é:

( ) uma peça de teatro.
( ) um herói do submundo.
( ) um rato de esgoto.
( ) um agente da Gestapo.



Digitalizado com CamScanner

JULIETA. Namorada do Romeu. Os pais não queriam. Os tios não queriam. Ninguém queria nada. Só eles.

MAGRELO. Era sempre o décimo. Tirava dez em tudo. Menos em matemática, português, geografia, história, ciências e inglês. Não se conforma, sempre diz: "O papagaio, além de não subir, pegou fogo".

MANIVELA. Peça ou alavanca, geralmente em ângulo reto, destinada a transmitir movimento de rotação a uma roda, um eixo etc. por ação manual. É por isso que os meninos de hoje preferem enrolar a linha em uma latinha.

MANQÜEBA. Nunca assistiu ao filme *Desfolhando a margarida*, podem conferir.

MATINÊ. Tinha todo domingo. Local onde se pegava na mão da namoradinha. E só. O amor acontecia em *soirée*.

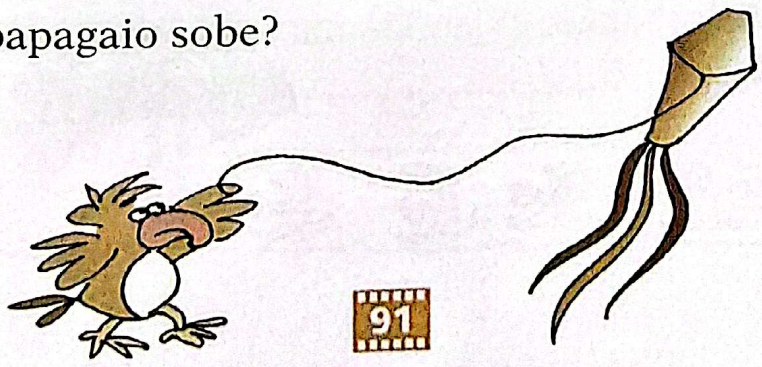
MÍRIAM LANE. Repórter e colega do kriptonita Clark Kent. Esta mesma Míriam era chamada, nos Estados Unidos, de Louis Lane. Apesar da troca de nome continua apaixonada por Clark Kent, o nosso Super-Homem.

Digitalizado com CamScanner

NARDA. Não era mágica. Mas sabia de uma magia infalível: como continuar noiva e mulher do Mandrake sem correr o risco de virar uma jia, uma bola de futebol, uma coelha ou cobra.

NEGO FUGIDO. A turma era dividida em dois grupos. Um grupo fugia, outro perseguia. Não havia limite de distância. Podia-se até viajar. O poste era o pique. Contava-se até 30 para o grupo fugir e esconder. Se algum "nego fugido" conseguisse chegar ao pique sem ser visto, o seu grupo continuava fugindo. Garzon teve uma idéia. Bolinha sujou as mãos. Rutinha furou a fossa. Magrelo besuntou o poste de merda. E Zoréia, que era da outra turma, se lambuzou. Garzon confessa.

PAPAGAIO (pipa, pandorga). Brinquedo que consiste num pedaço de papel ou paninho, em geral de forma oval ou aproximadamente triangular, disposto em um arco de madeira ou colado sobre uma cruz de cana ou de madeira leve, que se prende a um leme. Será que depois desta explicação do Caldas Aulete este papagaio sobe?



Digitalizado com CamScanner

Papão. Não o bicho, mas o *buraco* para o jogo de bolinhas de gude. Este buraco tinha a forma do calcanhar. Hoje os papões têm outros nomes. E vocês sabem.

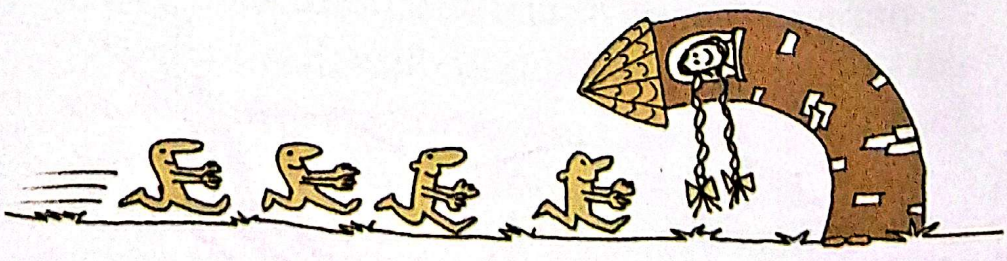
Pau de bosta. Não vi nada. Não sei de nada. Estou aqui por acaso. Não separe briga, principalmente se alguém estiver empunhando um pedaço de pau. Cuidado, este pau pode ser de merda. Como dizia meu primo escoteiro: "Alerta, sempre alerta".

Pelada. Partida de futebol mal jogada. Jogo de futebol, geralmente entre garotos, sem caráter (oficial).

Prova de honra. É o último do jogo do festival, isto quando havia futebol e várzea.

Rapunzel. Seus longos cabelos são uma tentação. Ela está presa na torre e eu tão solto aqui embaixo.

Romeu. Na tragédia do Shakespeare, o Romeu morreu. Mas o amor não morreu. A Julieta sabe disso, mas Glorinha não sabe.



Digitalizado com CamScanner

RUTINHA, Xucrutes, Glorinha, Alemão, Magrelo, Garzon, Manqüeba como serão? Cartas para o escriba. Ver endereço da editora. Desenho também vale.

RUTINHA. Aliás, José Rutiliano da Silva, que nunca existiu. Agora existe?

SALOON. É onde o bandido bebe uísque e o artista leite. É onde a loura oxigenada canta, o mexicano dorme e o careca toca piano.

SERGINHO. Também conhecido por Antônio Sérgio Bueno. Além de ter fome de gol e sofrer de Reinaldite (referência ao maior centroavante que este escriba já viu jogar, o Reinaldo, do grande Atlético Mineiro), é amigo do Adilson cagaregra, do Jed Boy, do Tunico galináceo, do Ronaldão e tantos outros craques que vestiram as camisas do Chapadão e do Coltec.

SHAZAM. "Eu o batizo de CAPITÃO MARVEL!" Com o meu nome obterá os poderes desses seus poderosos heróis! (Era o velho falando para o Capitão.) "Obrigado, grande mentor!" (Foi a vez do capitão retribuir a generosidade.)

SALOMÃO ..... sabedoria
HÉRCULES ..... força
ATLAS ..... vigor
ZEUS ..... poder

Digitalizado com CamScanner

AQUILES ..... coragem
MERCÚRIO ..... velocidade
Esse balão se encontra na primeira revista do Capitão Marvel.

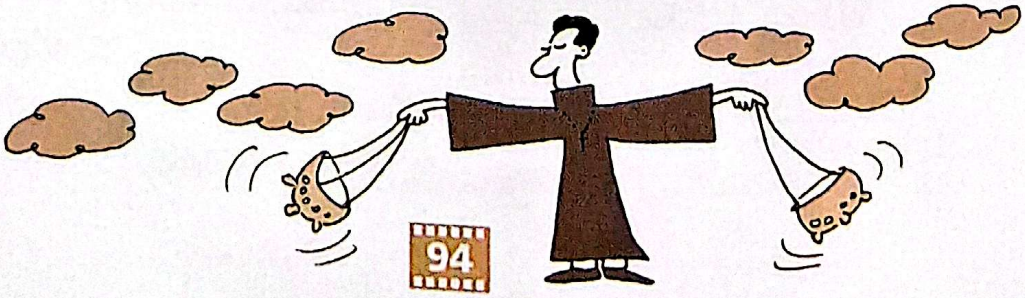
Soirée. Era a matinê com censura a partir de 14 anos. Ótimo local para pôr em dia as práticas amorosas. Local onde o escuro cochicha, os olhos brilham, os artistas trabalham e as mãos agem. Que saudades de Casablanca.

Surecão. É o papagaio careca. Isto é, sem rabo, nem bambolim.

Terror. Responda sem pestanejar: na desventura TERROR, quando o Bolinha avança para o cara, o que acontece?
A – o cara mija nas calças.
B – o cara não mija nas calças.

Trigger. O branco cavalo branco de Roy Rogers era baio e se encontra empalhado num museu de Hollywood.

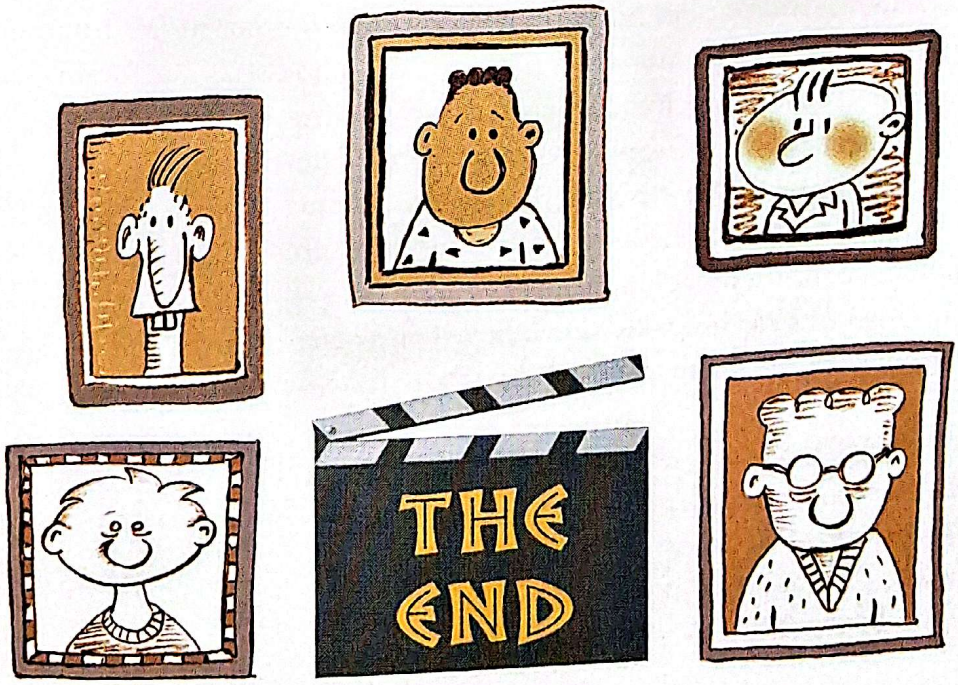
Turíbulo. Vaso onde se coloca incenso. O turíbulo tem correntes, alças para facilitar seu manejo. Informações com o Bola e coroinhas.



Digitalizado com CamScanner

Última Sessão de Cinema(A). Filme de Peter Bogdanovich, baseado no romance de Larry MacMurtry, com Timothy Bottons, Jess Bondges e Ellensn Bustyn. Produção americana de 1917. Míriam, não a Lane, mas a futura mamãe de Pablo, Mariana e Thiago, assistiu, assistimos, no Museu da Imagem e do Som, no Rio, a esse filme em 1973, durante uma lua cheia de mel.

Zé Francisco. O Morais. Depois de vestir as camisas do Ermelinda e do Chapadão, foi jogar justamente no Cruzeiro. Beque vigoroso, para não dizer porreteiro. Em compensação, Rutinha, Garzon, eu, Alemão, Manqüeba, Bolinha, Serginho jogamos no Atlético e fomos campeões nacionais em 2006.



Digitalizado com CamScanner

Quem é Ronald Claver

Sou mineiro e estou perdido em Belo Horizonte desde que me deram o mundo de presente. Nasci em setembro, sou de virgem, embora a virgindade se tenha perdido nessas montanhas de utopias e abismos. Nasci no Dia da Independência, mas continuo dependente da vida, das manhãs, dos ermos e da poesia.

A literatura é uma companheira legal e fiel. Conheci-a ainda menino. Sem a carteirinha de escritor e sem pedir licença, fui escrevendo o mundo. A matéria do escritor é a vida e esta explode nas esquinas, nos bares, na sala de jantar, nos becos, estádios e corações. A vida é eletricidade. O escritor é o fio condutor dessa realidade. E dá choque.

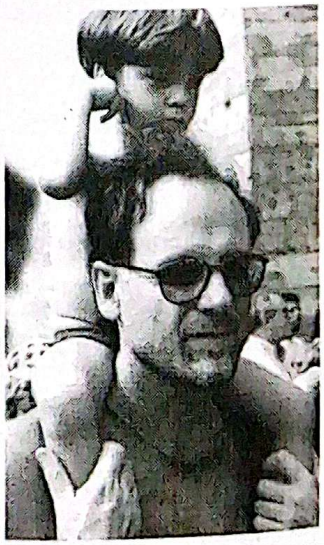
Já fiz teatro, audiovisuais, fui diretor de colégio, secretário municipal de Esportes. Já ganhei prêmios literários. Tenho mais de 20 livros publicados e alguns esperando o selo das editoras, outros na gaveta da cabeça.

Pai, mãe, seis irmãs e um irmão nasceram em Mesquita, cidadezinha que parou no tempo e no mapa de Minas Gerais, ainda bem. A caçula e eu nascemos na capital, mas nem por isso somos capitalistas. Míriam, Pablo, Mariana e Thiago ajudam-me a sedimentar e plantar a paixão, a poesia e o pão nosso de cada dia. São Francisco é meu santo, meu irmãozinho, meu rio, minha sandália e minha lua cheia de fé e sol. Confesso que há essa contingência que chamamos amor. Que às vezes é fel, às vezes é flor.

Só sei que do nada sei um pouco e, de tudo, um quase nada.

Quem é Faifi

Tenho 49 anos, nasci em São Paulo, e desde muito cedo comecei a transformar matéria bruta em outras coisas, barro em pote, madeira em brinquedo, algodão em boneco, pano em sapato e por aí foi. Entre outras atividades parecidas, sou ilustrador. Quer dizer que desenho coisas que foram escritas. Desenho para jornais, revistas, livros, faço cartuns, quadros e escrevo.



Ilustrar é fazer traços e formas, recortar, cobrir com tinta e texturas, brincar muito e é isso que eu faço. Ilustrar também é trazer novas informações a respeito do assunto. Escrever também é muito parecido com isso.

É muito bom ilustrar um texto que fala de coisas com que se tem intimidade. Fica mais fácil e divertido. Foi o caso deste livro.

Como o Ronald, eu também conheci os grandes cinemas e também os vi se transformarem em Bingos e Igrejas.

Também suspirei de amor pela primeira namorada e tremi de paixão e medo com o primeiro beijo.

Ah! E também adoro a Brigitte Bardot.

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

Quando na sessão de cinema aparece THE END, todos sabem que é o fim do filme. Acabou-se o que era doce. Acabou o sonho, a fantasia, mas a gente sabe que pode voltar a sonhar numa outra sessão.

E quando acaba o cinema? O que aconteceu ao Cine Teatro São José? Ele fechou. Não houve mais matinês. As coisas mudaram. Mudou Bolinha, Garzon, Alemão, Glorinha, Rutinha, Godô e toda a turma. Só ficou a lembrança, a memória... e a memória é um poço escuro e sem fundo. "A memória não tem lanterna. A luz está na memória."

Contra isso só resta resistir. Contar é resistir, assim como recordar é viver. Ronald Claver com *A última sessão de cinema* enriquece a literatura juvenil, dando um passo firme rumo ao amadurecimento desse gênero literário.

ISBN 85-322-4835-7
9 788532 248350
13307135
FTD

Digitalizado com CamScanner